SHOW BIZZ

5561/2 • ANO 12 / Nº 7 • JULHO/96 • EDIÇÃO 132 • R$ 7,50

BARÃO VERMELHO entrevista

- ETANO
- RASMO
- IZ MELODIA
- e BEZERRA
- A SILVA

conheça a casa onde morreu KURT COBAIN

STONES no Brasil em 97!

BILLIE JOE, do Green Day "vamos escrachar ainda mais!"

o que o BABA CÓSMICA tem na cabeça?

O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
FUMAR DURANTE A GRAVIDEZ
PODE PREJUDICAR O BEBÊ.

Você tá de saco cheio de flash back?

Então...

THE POSIES
amazing disgrace

MELANIE GARSIDE
fossil

OCEAN COLOUR SCENE
moseley shoals

NO DOUBT
tragic kingdom

THE NIXONS
foma

DEEP BLUE SOMETHING
home

DANCE HALL CRASHERS
lockjaw

THE SUGARPLASTIC
bang, the earth is round

BECK
odelay

BUSH
sixteen stone

VENDAS E DISTRIBUIÇÃO
BMG

A VENDA EM CD
MCA

Pauta

24 CIDADE NEGRA & PATRA
A deusa do reggae dá uma força carnal ao grupo da Baixada Fluminense

32 CESARIA EVORA
A grande dama que saiu de um arquipélago da África para encantar o mundo

28 BABA CÓSMICA
Três moleques que caíram na louca vida do rock & roll

36 BARÃO VERMELHO
Frejat e Cia. entrevistam as feras que homenagearam em seu novo disco: Caetano, Luis Melodia, Erasmo e Bezerra da Silva

44 KURT COBAIN
Exclusivo: a casa onde o grunge morreu. E os vencedores da promoção *O Crime Compensa*

30 ROBERTA LITTLE
Tudo vale a pena se a filha de Robertinho do Recife não é mais pequena

SEMPRE EM SHOWBIZZ

10 CANAL BIZZ
Bumbuns de leitores chegam por carta

12 BIZZES
Obra parada para os Engenheiros: Humberto Gessinger Trio prepara disco

48 MTV em OFF
Fernanda Abreu viaja com *Da Lata*

54 ONZE PERGUNTAS
Ron Wood promete: "Os Stones voltam ano que vem"

56 PLAY
Carlinhos Brown, George Michael e The Cure

65 REPLAY
Emerson, Lake & Palmer e Uriah Heep

72 ENJOY IT !
Camisinhas, malditas e benditas

75 TESTE
O que você manja de Mutantes?

76 • BIZZES
O dia em que Eddie Van Halen foi pro Kiss

80 DEMOCRACIA
Lord Maracanã & outros

82 DISCOTECA BÁSICA
Fa-Tal, o disco que consagrou Gal Costa

Parada da redação
Os sons que rolaram enquanto preparávamos esta SHOWBIZZ

Pulp – *Hia'N'Hers*
Beastie Boys – *The In Sound From Way Out*
Neil Young – *Comes A Time*
Iggy Pop – *Lust For Life*
Skunk – "Garota Nacional" (*single*)
Chico Cesar – *Cuscuz Clã*
Cridis – "O Sapo Que Canta Reggae" (da demo *Suzu Beleza & Outros Fenômenos*)

18 GREEN DAY
Como Billie Joe, Mike Dirnt e Tré Cool ficaram milionários sem trair a mais autêntica atitude punk: o deboche

ON Melódico, aceleradinho, com refrões adesivos e otimamente humorado, o punk do Green Day é um fenômeno mundial que, no Brasil, vende mais discos do que os sagrados Stones. Sacrilégio de mercado para uns, para a gente isso é... Capa! Nosso editor Sérgio Martins bateu um papo com Billie Joe, líder do trio, e o moço retribuiu o carinho: "I love you, *Sergiou*!"

Orgulhosamente, contamos este mês com a valiosa colaboração dos repórteres Roberto Frejat, Guto Goffi, Fernando Magalhães, Rodrigo Santos e Peninha. A turma do Barão Vermelho entrevistou pra nós alguns dos cobras homenageados em seu novo disco *Álbum*: Caetano, Luiz Melodia, Erasmo e Bezerra da Silva. O trabalho jornalístico, acompanhado por Macedo Rodrigues, ficou de primeira.

Com orgulho também, trazemos Cesaria Evora, grande dama da canção luso-africana, que me recebeu no camarim oferecendo: "Se quiseres *bebeire*, temos uma boa pinga aí." A entrevista que Luis Antônio Giron fez com ela está ainda melhor do que a bebida.

Para a gente ficar mais feliz ainda, uma boa notícia: SHOWBIZZ deixou de muquiranagem e finalmente abriu uma pagineta para a seção *Democracia*. Que ela cresça e se multiplique. Aquele abraço,

Pedro Só

P.S. No CDzinho, a banda sueca Psychotic Youth é um presente supimpa

Foto capa: Sipa Press

DEREK RIDGERS

OS COWBOYS CONTINUAM. AS ESTRADAS MUDARAM.

Wrangler

JEANS FOR TODAY'S COWBOYS

Canal Bizz

FORA PELADONAS!

A revista é ótima, mas parem com essa overdose de mulher nua. Não é só homem que gosta de música, seus machões chauvinistas! Se vocês não têm mulher de verdade, ficam só nas fotos, problema de vocês! Não deixem que isso influa na revista. Pô, vocês querem descartar as assinantes?
Juliana F. de Araújo, Maringá - PR

Às vezes fico brava com a SHOWBIZZ. Mulheres seminuas ocupando quatro páginas da revista?!? Os necessitados que comprem a *Playboy*!
Elisa Colepicolo, São Paulo - SP

CAIA NA NOSSA REDE
SHOWBIZZ está ligadaça na Internet. Faça contato: showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br

Cadê os homens da SHOWBIZZ? Nós, mulheres, ficamos chupando o dedo? Coloquem homens e mulheres seminus ou parem com as peladonas!
Mônica C. Ferreira, Taboão da Serra - SP

PETER HAMMILL

Sou super-ligado no Peter Hammill e tenho vários CDs do cara. Gostaria de obter a discografia completa dele, pois não existem catálogos ou revistas que tragam estas informações
Carlos N. Rauber, Porto Alegre - RS

Aí vai a discografia do ex-líder do grupo progressivo Van Der Graaf Generator em carreira solo: 72 - Fools Mate e Chameleon in the Shadows of Night; *74* - The Silent Corner and the Empty Stage e In Camera; *75* - Nadir's Big Chance; *77* - Over; *78* - The Future Now; *79* - PH 7; *80* - A Black Box; *81* - Sitting Targets; *84* - Love Songs

TINDERSTICKS

Gostaria de obter algumas informações sobre a banda Tindersticks que apareceu na edição 106, de 94. A banda já lançou algo novo depois do álbum homônimo?
Sebastião L. Luperini, Ibiporã - PR

O Tindersticks, formado em 92 na Inglaterra, lançou apenas dois álbuns: Tindersticks, aclamado em 93 como album do ano pela Melody Maker e um segundo album, em 95, sem título.

VIVA RAIMUNDOS!

Foi difícil pensar em uma maneira de agradecer a matéria com os Raimundos! Dizer só 'valeu' não bastava. Será que dizer isso mais de mil vezes chega?
Mariana Albuquerque, Niterói – RJ

Putz, cara! Já tava quase me suicidando! Aí de repente, a campainha tocou, era o carteiro, abri a revista com desesperança esperando algo tipo Mariah Carey, mas não!!! Deus existe! Era algo bom, aliás, excelente: Raimundos! Vocês salvaram a minha vida!
Marina Lage Ribeiro, Goiânia – GO

VIDA E MORTE DE UM MELÃO

Vocês poderiam me fornecer dados biográficos do cantor Shannon Hoon, do Blind Melon?
Fabiana Takahashi, Joinville - SC

Shannon Hoon nasceu em 26 de setembro de 67, em Lafayette, Indiana (EUA), a terra de Axl Rose. Foi uma criança superativa que mais tarde se tornaria um adolescente problemático envolvido com gangues de rua. Quando largou a escola, Shannon formou uma banda chamada Styff Kitten. Mudou-se para Los Angeles alguns anos depois e lá conheceu os outros integrantes do Blind Melon. Shannon foi achado morto no ônibus da banda, em outubro de 95, por overdose de cocaína. Tinha 28 anos, era casado com sua namorada de longa data, Lisa Crouse, e tinha uma filhinha, Nico Blue.

ERREMOS DE NOVO

Na edição 130, vocês cometeram um erro grilante! Mercyful Fate virou Mercylul Faith! Em nome de King Diamond, não cometam mais erros!
Mirian Theyla Ribeiro, Brasília – DF

Foi péssimo, Mirian. Vamos ficar atentos. Todos os responsáveis já foram condenados a escutar o Mercyful Fate!

Na reportagem *Rock'n'Roll É Isso Aí III* o jornalista Paulo Reis afirmou ser o cantor Nelson Gonçalves 'o único artista brasileiro a ter recebido o prêmio Nipper (o cachorrinho famoso da RCA, concedido somente a outro mito, Elvis Presley)'. Acontece que outro artista brasileiro também recebeu este prêmio, o inesquecível Luiz Gonzaga, em 80.
José Roberto de Barros Torres, Salvador - BA

Como diria Jorge Lafond depois do exame proctológico, valeu pelo toque. E viva Luiz Gonzaga!

PAU NO PODRE

E com a garganta cheia de ódio que eu escrevo metendo a boca na porra dos Sex Pistols. O John Lydon falar mal do Green Day é demais. Green Day é a melhor banda punk atualmente! Adoro as cabeças coloridas, Billie, Mike e Tré. John Lydon, você devia comer mais merda e falar coisas do seu bico! Se mata, cara!
Tamara Percinoto, Poá, SP

galeria dos BUMBUNS

A polêmica foto do orlimbó da leitora Michelle Reis continua rendendo polêmica. E não param de chegar leleós em nossa Caixa Postal!

As 'Michelles' da vida que me perdoem mas taço uma aposta com quem quiser, que os leitores, a SHOWBIZZ e a Maria do Relento vão preferir as 'Déboras'.
Débora, Igrejinha – RS

Pelo amor de Deus, não publiquem mais a bunda dessa tal de Michelle Reis, e sim uma matéria com os lindos do Maria do Relento!
Claudia Ortiz, Lageado – RS

Brad Pitt? Tom Cruise? Que nada, isso é passado! Agora, vocês meninas já podem esquecer o importado e ter o seu nacional com garantia de satisfação! Até o Buttman babou.
Luiz Carlos Pazzonato, Miracema - RJ

PERDOAI-NOS, TIO JIM

O teste *As Portas da Percepção*, sobre The Doors, apresenta um erro ao dizer que o nome do grupo foi tirado de um livro de Aldous Huxley. O autor de *As Portas da Percepção* é William Blake. Mas tudo bem, tio Jim disse que perdoa todos vocês.
Fabiano Nunes, Guarulhos – SP

Realmente erramos, Fabiano, mas você também está enganado. O nome The Doors foi inspirado num verso de William Blake (poeta, pintor e gravador inglês nascido no século 17, precursor do romantismo), retirado do poema O Matrimônio do Céu Com A Terra. Mas o livro As Portas da Percepção, *cujo título também é derivado da obra de Blake, é de autoria de Aldous Huxley. Apesar de ter sempre citado Blake ao explicar o batismo dos Doors, Jim Morrison, um entusiasta do LSD e da mescalina, provavelmente escolheu o nome fazendo alusão ao livro de Huxley também. Daí a confusão. Ainda bem que, como você diz, Tio Jim perdoa.*

MAIS TEXTO!

Inovar nem sempre significa evoluir. Sim, a Bizz trocou de nome e aumentou o tamanho das suas páginas. Porém, com elas também aumentaram a fonte dos textos. Tamanhos absurdos de letras transformaram a revista num aglomerado de textos curtos e superficiais. Ela deixou de ser um meio de informação e entretenimento para ser uma rápida diversão voltada para adolescentes (salvo raras exceções). Se algo não for feito, a principal revista de música e variedades no país vai pro brejo.
Moral: queremos mais texto!
Assinante anônimo, Sta Maria – RS.

Escreva seu pensamento e mande junto com ele uma foto. A carta mais criativa ganha uma camiseta.

PENSADOR DO MÊS

"Tu te tomas eternamente responsável pela cannabis que sativa"
Marcos S. de Souza, São João do Meriti - RJ

Fã-clubes

FÃ-CLUBES THE CRANBERRIES
Rua Silva Teles, 671, apto 01
CEP 03026-001
São Paulo - SP

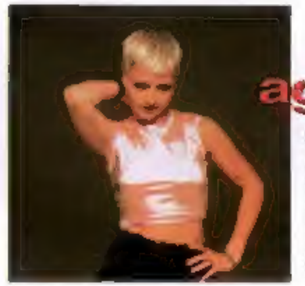
SUPLA/ PSYCHO 69 FAN CLUB
Caixa Postal 330
CEP 30160-970
Belo Horizonte - MG

PATO FÚ ROTOMUSIC FÃ-CLUBE
Rua Dr. Antônio da Costa Carvalho, 330/41
CEP 13024-090
Campinas - SP

BABA CÓSMICA
Rua Gomes Carneiro, 131/201
CEP 22071-110
Rio de Janeiro - RJ

MARISA MONTE
Av. Nenem Lara Rocha, 47
CEP 31620-340
Belo Horizonte - MG

SKANK
Caixa Postal 21085
CEP 20110-970
Rio de Janeiro - RJ



A AZEDINHA agradou

Seus filhos da p..., com todo respeito, por que demoraram tanto para fazer uma reportagem sobre o Cranberries? Demoraram mas capricharam, simplesmente amei!
Andréia Danielle de Araújo, Brasília – DF

GANHADORES DA PROMOÇÃO

o novo modelito do SEPULTURA

- Alexandra Garcia Freitas
- Aline Rodrigues Fontana
- Ana Maria Ferreira Dias Garcia
- Cleide Cardoso
- Maria Juliana G. Mercês
- Michelle Biancardi de Oliveira
- Renato Vieira
- Ricardo Santos de Brito
- Valdir Oliveira
- Vanessa Ferreira Moreira

À esquerda, o trabalho de Alexandre de 15 anos. À direita, duas T-shirts que o Renato mandou e um maiô cavadão desenhado pelo Valdir.

PATO ROBERVAN

Achei du-K-raio a edição com o Rodolfo dos Raimundos na capa. Só senti falta de uma coisa: Pato Fu. Espero que na próxima edição eu, lãzaço do Pato Fu e eterno assinante, possa ser atendido. Por favor, publiquem esta foto com a Fernandinha do meu lado.
Robervan B. Santana, Aracajú - SE

Esta é sua área. Discorde, concorde, elogie, desça o pau, faça sugestões, perguntas e pedidos... Denuncie, mande desenhos, retratos de amigos, parentes ou inimigos, montagens, colagens, fotos desinibidas. Solte a franga, manifeste-se de alguma forma. SHOWBIZZ • CAIXA POSTAL 66157, CEP 05389-970, SÃO PAULO – SP

EDITORA AZUL

Fundador Victor Civita (1907-1990)
Diretoria Angelo Rossi, Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Superintendente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor Editorial: Carlos C. Arruda
Diretor Financeiro: Pedro Frazão

SHOWBIZZ

Diretor de Redação: Felipe Zobaran

Editor-Chefe: Pedro Sá
Diretor de Arte: Rodolfo Tucci
Editores: Robert Nilburn e Sergio Martins
Editores-Assistentes de Arte: Chico Max e Marco Antonio R. B. Cançado
Repórteres: Claudia Grochi e Laticia Caimori
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Patrícia Vottolin
Colaboram nesta edição: (Texto) André Malerowka, Álvaro Costa e Silva, Arthur G. Couto Duarte, Carlos Albuquerque, Christian Petermann, Claudio Julio Tognolli, Enor Paiano, Hélio Gomes, Israel do Vale, Ivan Murara, Leonardo Rivera, Luis Antônio Giron, Macedo Rodrigues, Marcelo Ferla, Márcio Pinheiro, Marcos Filippi, Marcos Smolkoff, Marisa Adán Gil, Otávio Rodrigues, Paulo Vieira, Pedro Alexandre Sanches, René Ferri, Tom Leão, Zeca Camargo **(Fotos)** André Schiliró, Fábio Cabral, Jorge Rosemberg, Marcos Muzi, Martin Jaite, Miriam Fichtner, Roberto Price, Rosana Beckerman, **(Revisão)** Márcia Villaça

STAFF EDITORIAL
Secretaria Editorial: Regina Ciarelli
Azul Press: Benjamin S. Gonçalves
Sistemas Editoriais: Walter Toscano
Direção Responsável: Liège de Lima Dona Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Enéa Vergueiro
Gerente de Grupo: Ana Lúcia Serra
Gerente de Operações: Mitty Lacombe
Supervisores de Contas: Maria Luiza Marot, Miriam Horta e Ricardo Santos
Contatos de Agência: Ana Maria Lobo, Andrea Madrid, Marcelo Cotaldi e Rosária Pires
Contato: Ana Lúcia Bertola
Coordenadores: Antônio Pontarollo, José Soares, Mônica Rosetti e Tieko Kuniyuki

COMERCIAL
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Assinaturas: Alessandra Pallis
Gerência de Pesquisa: Silvia Campos

COMUNICAÇÃO
Gerente de Promoção: Sandra Galli Fonseca
Gerente de Propaganda: Vavi Zella

SHOWBIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. ISSN 0104-1048, edição 132, julho de 1996. **São Paulo – Redação e Correspondência:** Av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel: (011) 847-3000, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 847-3330. **Rio de Janeiro:** Av. Presidente Wilson, 231 - sala 2503, CEP 20030-021, Castelo, tel: (021) 532-0315, fax: (021) 532-1583/1468, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varela, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem sofrer nenhum ônus. Mediante sua solicitação, você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido de acordo com o índice oficial aplicável. Com sua assinatura, seu nome passa a ser incluído na lista de clientes preferenciais da Editora Abril, que poderá colocá-la à empresas idôneas para fins de divulgação e promoção de produtos de seu interesse. Caso não queira fazer parte dessa lista, escreva para Editora Abril-Assinaturas, Rua do Curtume, 769 - Lapa - CEP 05065-900 - São Paulo – **Serviço ao Assinante:** tel. (011) 823-9222. **Números atrasados:** as seis últimas edições recentes, mediante disponibilidade do estoque, ao preço da última edição em banca. Peça por intermédio de seu jornaleiro ou distribuidora Dinap de sua cidade. Se preferir, peça diretamente à Caixa Postal 2505, Osasco - SP - fax (011) 868.3018, fone (011) 868.3038 **dinap.ns@email.abril.com.br**, pagando com os cartões Visa Credicard e Diners, ou cheque nominal.

ANER acrescendo 30% ao valor do pedido para despesas de postagem. IVC

Fotolito: Banau Azul. Proposta Editorial: Promocional

Gessinger, o inspirado: "Agora eu deixo de ser vidraça pra ser pedra novamente"

Trio legal, guri!

Humberto Gessinger cai nas infinitas *highways* com a nova banda

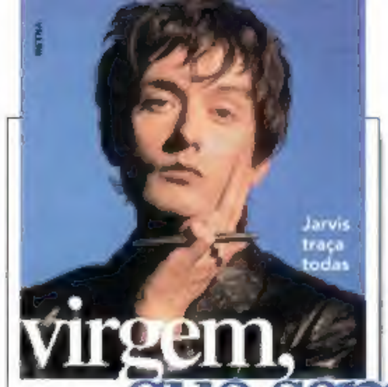
Depois de muitas doses de suspense, chimarrão e uma demo-tape por testemunha, eis que surge, retumbante, a segunda banda do engenheiro Humberto Gessinger. De início o nome seria Trinta e Três de Espadas. Acabou ficando, modestamente, Gessinger Trio mesmo. É o rapaz quem explica à SHOWBIZZ: "No final do ano passado encontrei dois amigos músicos lá ao Sul. Aí rolou um som lá em casa, gravamos uma demo com 14 músicas e surgiu a idéia de ir adiante."

A maioria das músicas do Gessinger Trio é nova, mas o repertório inclui uma composição do início dos Engenheiros do Hawaii: "Causa Mortis", de 85. **"Ela fala de um *serial killer* e no refrão vira uma canção de amor"**, conta o baixista, agora acompanhado pelo baterista Adal Fonseca e pelo guitarrista Luciano Granja. Humberto conta que a primeira apresentação aconteceu na casa de shows carioca The Ballroom, abrindo para a banda Surfista Prateado, de uns amigos. Depois tocaram no pub do amigo Arthur Maia, em Niterói, onde deu até pra tomar cerveja com os fãs. "O legal disso é que eu tô deixando de ser vidraça pra ser pedra novamente", brinca. O CD, "mais cru e pesado que Engenheiros", diz, sai no segundo semestre. Trilegal, guri! Com a obra dos Engenheiros parada, o peão Fernando Deluqui sai em busca de outras empreitadas. (Leonardo Rivera)

Soundgarden: tempestade de cérebros

grunge é a MAE!!!

Custou mas saiu. *Down On The Upside*, o disquinho que o Soundgarden ficou lambendo meses e meses e meses no estúdio, enfim está na praça. É, dizem os meninos, um disco assim meio-não-grunge. "É rock. Se você quiser chamar de grunge, esta palavra ultrajante, chame. Mas não se esqueça de que algumas canções soam como Pink Floyd e R.E.M e que em outras usamos bandolim e teclados Moog!" Mas por que esse ranço com o tal som de Seattle? "Bart Simpson tem mais a ver com o grunge do que nós."



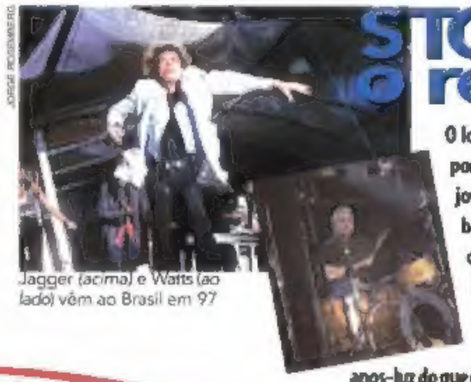
virgem, que sem vergonha...

Quem diria! O *sex-symbol* da hora nas terras da rainha já teve seus dias de menino carente. Jarvis Cocker, vocalista do Pulp, não tem o corpinho do Henry Rollins nem o rostinho do Maurício (de) Mattar, mas tempos atrás era outra coisa que lhe fazia mais falta: uma boa escova de dentes!!! É ele quem diz: "Tive dificuldades com as mulheres. Usava óculos e tinha dentes muito ruins." Resultado: levou 20 anos para perder a virgindade. Hoje, se quiser, pede: "Façam fila, meninas".

imorrível BLABLABLÁ

Blá-Blá-Blá – A Biografia Autorizada é um livro pra cima. Tanto que plana alto sobre o fim da história dos Mamonas Assassinas. A biografia escrita pelo jornalista gaúcho Eduardo "Peninha" Bueno ignora a pitchulinha Mirella e sequer fala sobre a morte dos caras. Em compensação, antecipa o que provavelmente seria (será?) o novo disco. E deixa no ar o mistério de uma mala com várias letras da banda que teria sumido em Brasília antes do vôo fatídico. Lançado pela editora LP&M, o livro custa R$ 12,90. (Márcio Pinheiro)

Mamonas: biografia autorizada



Jagger (acima) e Watts (ao lado) vêm ao Brasil em 97

STONES 2 retorno

O lord inglês do rock está entregando os pontos. "Rock and roll é música de jovem", diz Charlie "Stones" Watts, cujas baquetas somam respeitáveis três décadas a serviço da causa roqueira. Prontos para voltar ao Brasil, os Stones, no olhar de Watts, já não têm aquele viço de outrora: "Estamos a anos-luz do que costumávamos ser." Para tirar a teima, Mick Jagger está a um beiço de liberar a circulação do filme *Rock And Roll Circus*, de 1968 (com John Lennon, The Who, Eric Clapton, Marianne Faithfull e Jethro Tull), que ele engavetou por não gostar da performance da banda naquele dia. Charminhos... Agora deve sair até em CD-ROM.

"Tudo que se faz hoje na música já se fazia há trinta anos. O rock é a mesma baboseira no mundo todo."

Rogério Duprat, o arranjador da Tropicália, no *Estado de S. Paulo*

desvalorizando COURTNEY

"Professional Widow"
Tori Amos
"Não estoure ainda seus miolos/ Nós temos que ser grandes, menino/ Temos de ser grandes/ *Starfuckers*, exatamente como meu pai"

"I'll Stick Around"
Foo Fighters
"Como pode ser?/Eu sou o único que vê sua loucura ensaiada?"

"Into Yer Shtik"
Mudhoney
"Por que você também não estoura seus miolos?/ Você está tão dentro de sua pose/ Você está rodeada pela ralé parasita/ Quem vai limpar sua merda, varrer sua sujeira, alimentar seu ego?/ Eles nunca lhe dizem não/ Tudo em você me deixa enjoado"

"Bruise Violet"
Babes in Toyland
"Sua vaca fodida/ Eu espero que suas entranhas apodreçam/ Mentirosa, mentirosa, mentirosa"

como influenciar pessoas

Eleita uma das 25 pessoas mais influentes dos EUA, Courtney não sai da boca do povo; Kurt Cobain vai atrás...

chorando KURT

"Sleeps With Angels"
Neil Young
"Ela não era perfeita/ Tinha suas próprias viagens/ Ele não estava preocupado/ pelo menos não estava sozinho.../ Ele foi dormir com anjos muito cedo"

"Bullet Over Butterfly Wings"
Smashing Pumpkins
"Agora estou ou, nada mais que um animal/ Mas você pode fingir por só mais um show?/ Apesar de toda minha raiva, eu ainda sou um rato na jaula/ E ainda acredito que não posso ser salvo"

"Let Me In"
R.E.M.
"Ele se juntou a seus amados/ E trouxe todos eles para dizer adeus, boa tentativa/ Ei, deixe eu entrar"

"I'm Still Remembering"
The Cranberries
"E sobre Kurt Cobain?/ Sua presença ainda permanecerá?/ Lembre JFK, de um modo ainda mais santo/ Onde você está agora?/ Onde você está agora?"

Bizzes

Ex-clubber, Tiãozinho Pecado jura que largou a vadiagem

nem tudo que RELUZ...

Sebastian Roth é um alemãozinho que tem feito sucesso nas pistas européias com sua música alegre e visual "glam-bicha-dourada". Ele falou à SHOWBIZZ de Acapulco, onde participava de um festival e, pasmem, não soltou a franga. "Quando eu morava em Londres eu era clubber, mas agora não freqüento a noite. Esse negócio de me vestir de dourado foi só para a capa do disco." Queercore? "Nunca ouvi falar disso! O que é isso? Minhas verdadeiras influências são mesmo Marc Almond, Pet Shop Boys, Erasure e Jimmy Sommervile." Então tá, santa!

Bono: o homem de 200 milhões de doletas

RETINA

BONO pero no BOBO

Assim como Wando, o interesseiro líder do U2 quer dar uma mordida na maçã

Bono Vox está de olho no fruto do pecado. Depois de fazer umas continhas para a próxima turnê do U2, marcada para 97 (o disco sai antes, em novembro: "Estamos com a corda no pescoço pra cumprir o prazo", avisou o baterista Larry Mullen), Bono sacou que sua ambição era maior que seu cofrinho e resolveu passar o chapéu atrás dos 200 milhõezinhos de que precisaria. **Como bobos somos nós, ele foi bater justo na porta da megabiliardária empresa de computadores Apple, aquela da maçãzinha sabe?** Outras gigantes da informática como Microsoft, Intel e AT&T também entraram no páreo. Bono não está para brincadeiras. Chegou a recusar uma proposta da Disney como co-produtora. (Vai ver não gosta do Mickey...) Preferiu entregar tudo na mão de Michael Cohl, o homem que descolou 121 milhões de dólares para mega-turnê Voodoo Lounge, dos Stones. Quem sabe assim sobra uma graninha pra esticar até a América do Sul. Alô alô produtoras...

no estúdio

MIRO ANDRES

Virna Lisi: "nada desse papo de mandioca"

CASINHA de SAPÉ

De castigo num sítio nos arredores de Beagá, a mineirada do Virna Lisi voltou da internação com o terceiro álbum tininndo – agora com uma major, a MCA, por trás. "Foram trinta dias sem namorada, só tocando e jogando bola", conta o guitarrista Marcelo. O CD sai em agosto e o título, até o fim das gravações, ainda não tinha sido decidido. "O Virna é que nem o Congresso: tem de fazer um lobby fodido pra coisa rolar", compara. E ficou mais pro samba-rock ou pro heavy? Surpresa... "Está meio intimista, tem até coisas acústicas." Os ritmos brasileiros continuam. "Não é papo de mandioca, de raízes. Usar o reco-reco pra tirar som distorcido foi coisa que surgiu de molecagem, é a nossa cara", diz. "A gente sempre teve um lado meio capiau."

"Nunca fomos punks. Punks foram todas as bandas que vieram depois de nós."

Paul Cook, baterista do Sex Pistols

MOLUSCOS da MOOCA

Os Ostras: surf do asfalto, tá ligado?!?

Eles fazem legítima surf music, mas o máximo que se permitem na praia é jogar bumerangue. Formada na Mooca (ô meu!) em 94 por Jabá (vocal e guitarra), Márcio "será que eu vou comer a Xuxa?" Garcia (vocal e baixo) e o baterista Clayton, a banda Os Ostras está lançando seu primeiro disco depois de fazer todo o circuito Bixiga de shows-cover: "A gente tocava Pink Floyd para ganhar uma grana, tá ligado? Isso quando pagavam". E o surf? "Adoramos surf music mas nosso público é misturado. Tem muito metaleiro e muito cinqüentão que acha que a gente lembra a Jovem Guarda". O nome Os Ostras saiu de uma sessão televisiva: "O Jabá se inspirou nas ostras falantes do Glub-Glub. Tem a ver com surf, né?"

Paul exibe o porte atlético: animal!!!

música da NOVA FERA

Se o heavy metal está morto, não convidaram o Pantera para a missa de sétimo dia. Vinnie Paul, baterista, atleta e porta-voz oficial da banda, acredita que o estilo está mais pulsante (ôpa!) e vivo do que nunca. Prova disso é seu último disco, *The Great Southern Trendkill*, um dos mais pesados da história do rock.

O tour do novo álbum começou em junho, nos EUA, e só vem parar por aqui lá pra janeiro de 97, junto com o White Zombie. Dessa vez a banda texana só quer saber de brutalidade partindo das caixas de som. É que, em um dos últimos shows no Brasil, o meigo vocalista Phil Anselmo e Vinnie foram atingidos por cacos de vidro lançados da platéia. "Só porque uma pessoa fez uma besteira dessas não vamos deixar de gostar da galera brasileira. Pelo contrário, todos foram demais", conforta o batera. A cultura do ódio não guarda rancor. (Vinicius Vogel)

no quarto com EDDIE VEDDER

RETINA

Vedder: cozinhando pra fora

O quarto álbum do Pearl Jam, ainda sem nome, sai em setembro. As novidades ficam por conta da entrada do baterista Jack Irons, ex-Red Hot Chili Peppers, e uma versão de "Gremmie Out Of Control", originalmente gravada pela banda de surf music Silly Surfers, em 64, e incluída no álbum *Mom Music For Our Mother Ocean*, lançado em julho em prol de uma associação de surf.

Nas férias de dois anos desde o lançamento de *Vitalogy*, os membros do Pearl Jam aproveitaram para cuidar de negócios pessoais: o guitarrista Stone Gossard lançou seu próprio selo, Loosegroove; o baixista Jeff Ament formou uma banda paralela chamada Three Fish; o guitarrista Mike McCready participou da trilha do filme *Beautiful Girls* e Eddie Vedder, além de dar um rolê pelo Brasil, ter alguns pitis, fazer programa de rádio e ser até ameaçadão de morte, andou dando uns bicos numa banda paralela chamda Hovercraft.

Bizzes

MARLEY passa a bola

Não deixam o velho Bob descansar

Bob Marley e Jah não se desgrudam. O álbum *Soul Almighty: Bob Marley - The Formative Years*, recém-lançado nos EUA, colocou os dois lado a lado e ainda passa a bola para o ouvinte, com uma parte interativa. Organizado por Roger Steffens – um dos maiores teólogos da doutrina marleyana – e pelo *brother* de Bob, Alan Skill Cole, o CD tem 12 faixas. Sete delas são remixes para quatro músicas inéditas. As outras, versões novas para canções dos Wailers. Para tanto, os dois fuçaram nos arquivos de Danny Simms (um dos vários empresários que Marley teve ao longo da carreira). A faixa interativa inclui cenas da visita de Hailé Selassié (vulgo Jah) à Jamaica, em 66, um resumo ano a ano de Bob Marley (de 62 a 80) e um glossário rastafari... Ufa! Tem mais: uma exposição de fotos do rei, que podem ser compradas via Internet (http://www.reggae supersite).

túnel do tempo

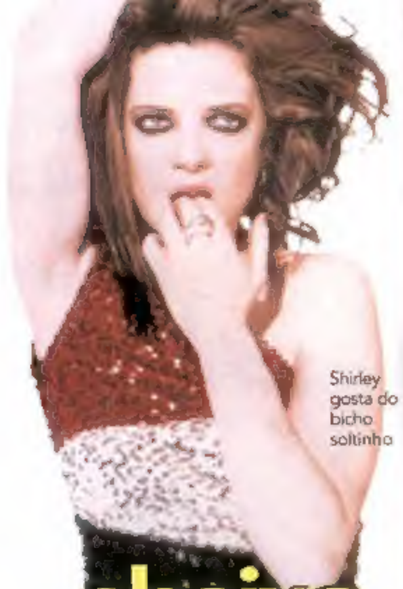
eternamente Young

Além de aprontar um novo CD com o Crazy Horse, Neil Young (acima, em dois tempos: 66 e 96) andou costurando pra fora: uma faixa na trilha de *Dead Man*, de Jim Jarmusch, e outra no novo álbum do Bachman Turner Overdrive (!!!) – onde sola por seis (!!!!!!!) minutos na faixa "Made In Canada". O solo nasceu de um probleminha *técnico*: no meio da música o vocalista Randy Bachman "evadiu-se do local sem deixar pistas." Estava ao banheiro, sofrendo pra livrar-se de um almoço indigesto.

hora da Larica

Beto Lee, primogênito de Rita e Roberto de Carvalho, tem mandado sinais (de fumaça?) de que vai seguir o rastro dos pais. E já anda caprichando no bagulho, ôps, no barulho, com um grupo chamado... Larica. O octeto anda apertando há oito meses e já deu um tapinha na primeira demo. Quando o assunto é drogas, Beto aciona o disque-mãe. "É só perguntar a ela qual é a onda do quê, que ela me diz", diverte-se. E como larica (você já deve ter, bem, ouvido falar...) é aquela gula pós-cannabis... "Sou a favor de liberar a maconha. Álcool é muito pior." (Leonardo Rivera)

Larica: molecada com fome de rock & roll



Shirley gosta do bicho soltinho

abaixo a CUECA!

Shirley Manson, vocalista do glorioso Garbage (grupo do produtor Butch Nevermind Vig) abriu a boca (e que boca!) para bater ao mundo uma bela dica sobre suas preferências sexuais. "Adoro abrir o zíper de um cara e descobrir que ele não usa cueca. Gosto de garotos que criam o bicho solto, a mente deles costuma ser mais solta também", viajou. Quem quiser se dar bem com ela precisa ser bom em outro quesito: "Homem que não faz sexo oral na mulher não é homem de verdade." Probleminha: Shirley é comprometidésima. "A maior infidelidade que cometo hoje em dia é quando meu engenheiro de som passa K-Y no meu monitor de ouvido."

"Eu era obcecada pelo Antonio Banderas até conhecê-lo melhor. Ele é muito humano para mim"
Madonna

Bryan Adams

18 tiki die

CD/K7

Incluindo os hits "The only thing that looks good on me is you", "Let's make a night to remember" e "I think about you".

Novo disco com 12 músicas inéditas e mais o sucesso

Have you ever really loved a woman?

tema do filme Don Juan DeMarco

É PolyGram

A Gravadora Nº 1 do Brasil.

COMÉDIAS da vida PRIVADA

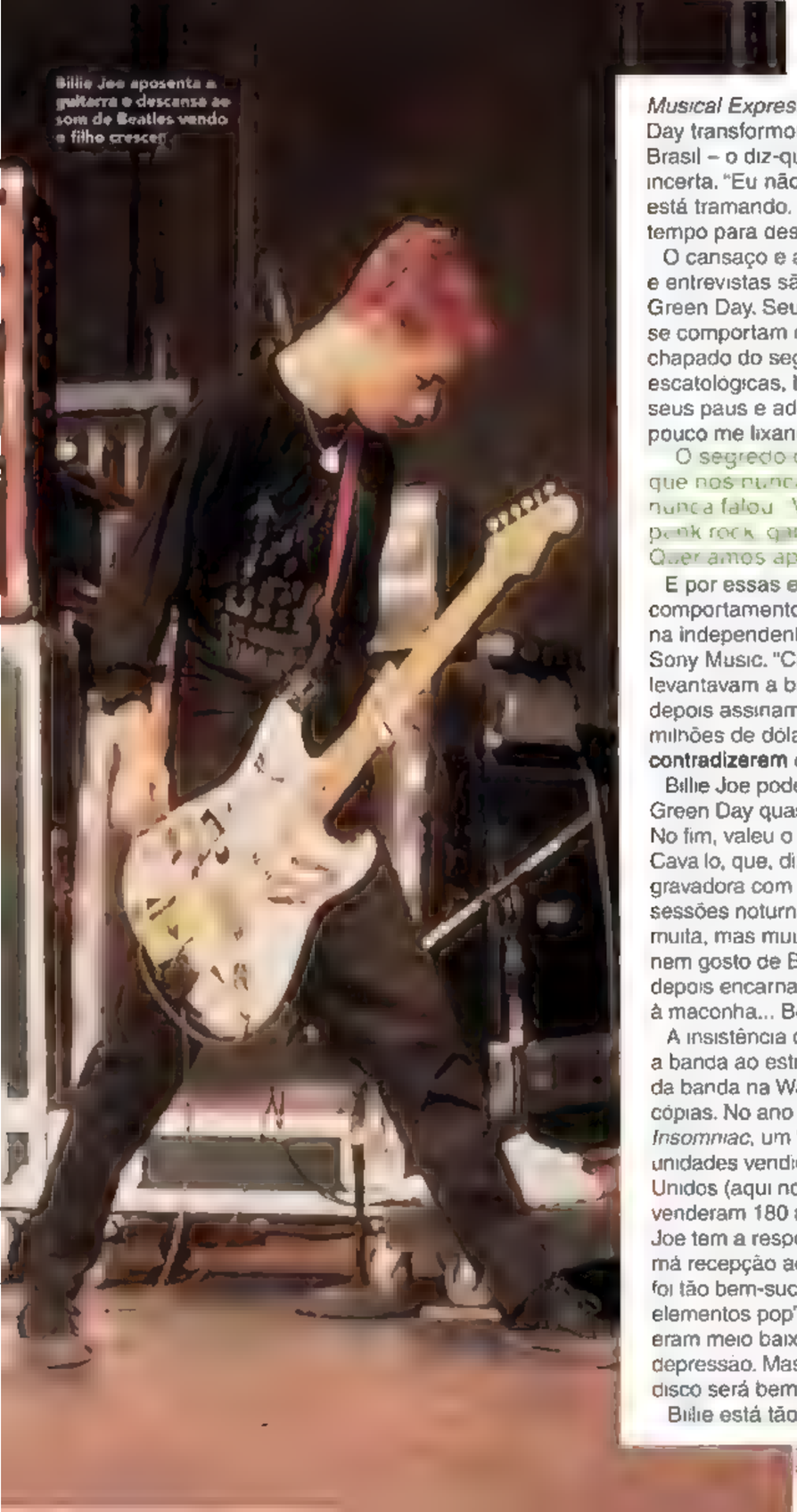
Nada de luta contra o sistema. O Green Day quer mais é fazer sucesso com muito humor

por SÉRGIO MARTINS

Sexta-feira, 7 de junho. A Redação emenda o feriado de Corpus Christi e eu mofo ao lado do telefone, esperando minha entrevista com Billie Joe, do Green Day. O moço faz aquele esquema peixe-ensaboado: marcou e desmarcou a entrevista três vezes, todas em cima da hora, o que deixa na gente aquele velho sentimento de cabreirice.

Quatro horas em ponto e o moço liga, de algum ponto dos Estados Unidos. "Alô, *Sérgiou*? Aqui é Billie Joe". Apareceu a Margarida, olê olê olá. E pronta para se desculpar dos canos consecutivos que deu na gente. "Minha mulher ficou doente e tive de tomar conta dela."

Quer dizer que aquele garoto de cabelos verdes, olhos arregalados e (dizem, que eu não medi!) pau pequeno fica em casa, cuidando da patroa e do filho? Sim, nada mais normal para um cara cujo lar, nos últimos dois anos, resumiu-se a quartos de hotéis e saguões de aeroportos. Em menos de três anos, o Green Day lançou dois discos – *Dookie* e *Insomniac* – e excursionou sem parar, o que levou a banda à beira de um colapso. "Mike (*Dirnt, o baixista*) teve problemas cardíacos; eu passava as noites à base de café e calmantes", desabafou para o semanário inglês *New* »



Musical Express. O stress coletivo do Green Day transformou a provável vinda da banda ao Brasil – o diz-que-me-diz é forte – numa coisa incerta. "Eu não sei o que o nosso empresário está tramando. A gente apenas pediu um tempo para descansar."

O cansaço e a pouca paciência para shows e entrevistas são eventuais na carreira do Green Day. Seus três integrantes geralmente se comportam como aquele seu amigo chapado do segundo grau, fazendo piadas escatológicas, brincando sobre o tamanho de seus paus e adotando uma postura "estou pouco me lixando para tudo."

O segredo do sucesso do Green Day é que nós nunca tivemos uma meta. A gente nunca falou: 'Vamos montar uma banda de punk rock, ganhar muito dinheiro e ficar famosos'. Queríamos apenas nos divertir", conta.

E por essas e outras que Joe estranha o comportamento do Offspring, que deu um bico na independente Epitaph para assinar com a Sony Music. "Cara, isso é tão maluco! Eles levantavam a bandeira dos independentes e depois assinam um contrato milionário de sete milhões de dólares! E muita doideira e eles se **contradizerem** desse jeito."

Billie Joe pode se encher à vontade, mas o Green Day quase não assinou com a Warner. No fim, valeu o esforço do produtor Rob Cavallo, que, dizem, atraiu os verdinhos para a gravadora com o fino da cozinha hindu e sessões noturnas regadas a Black Sabbath e muita, mas muuuita maconha. "É mentira! Eu nem gosto de Black Sabbath", retruca Joe, para depois encarnar um espírito de porco. "Quanto à maconha... Bem, nós fumamos mesmo!"

A insistência de Cavallo acabou por catapultar a banda ao estrelato. *Dookie*, álbum de estréia da banda na Warner, vendeu 12 milhões de cópias. No ano seguinte, foi a vez de *Insomniac*, um "fracasso" de dois milhões de unidades vendidas, apenas nos Estados Unidos (aqui no Brasil, *Dookie* e *Insomniac* venderam 180 mil e 110 mil, respectivamente). Joe tem a resposta na ponta da língua para a má recepção ao último disco. "*Insomniac* não foi tão bem-sucedido porque não tinha tantos elementos pop", explica. "As letras também eram meio baixo astral, falando de drogas e depressão. Mas garanto que nosso próximo disco será bem-humorado."

Billie está tão alegre que nem encana

A felicidade é verde

Billie Joe: "Podem me chamar do que quiserem. Até mesmo de gay"

quando pergunto de sua tão falada homossexualidade. Várias leitoras da SHOWBIZZ mandaram cartas perguntando se o rapaz é ou não é gay. Principalmente porque ele cismou de colocar o grupo Pansy Division (Divisão Maricas) na abertura de seus shows. O Pansy tem músicas como "Dick Of Death" ("Pau de Morte") e "Pee Shy" ("Pingolim Tímido") como carro chefe de seus shows. "Podem me chamar do que quiser. Até mesmo de gay. Boy George me acha uma gracinha? Nem gosto da música dele", dispara B.J. e também não esquentou quando seu pênis pintou ao vivo e a cores na *Playgirl*, revista dedicada às mennas saidinhas. "Não foi a foto mais lisonjeira do meu corpo."

O lado cuca-fresca de Billie Joe só toma chá-de-sumiço quando duvidam da vela punk do Green Day. "Essas pessoas não me conhecem. Como podem duvidar da minha banda?", resmunga. As farpas têm direção certa. John Lydon, ex-Rotten que voltou com os Sex Pistols e jogou sua metralhadora giratória contra os punks americanos.

"Ele lembra a minha vó. A voz dele não parece a »

de uma velha reclamona?" brinca Joe. Depois, hora de falar sério. "Johnny tem inveja do nosso sucesso. Os Sex Pistols nunca venderam muitos discos, enquanto que nós somos um fenômeno de vendas. O Green Day é que tem de ser chamado de 'a grande trapaça do rock'n'roll'."

Billie Joe depois retoma a calma habitual "Olha, isso não quer dizer que eu não goste dos Sex Pistols. Acho eles importantes para caramba; Steve Jones é um grande guitarrista e as letras de Johnny são sensacionais. Só que eu não gasto minha grana para vê-los ao vivo."

Aliás, o dinheiro tem rolado legal. Bem diferente da época em que Billie Joe, Tré Cool e Mike Dirnt moravam num porão, adoravam Hüsker Dü e tocavam em moquifos. As únicas revistas que se importavam com os caras eram fanzines que levavam nomes como *Pocketful Of Vomit* e *Urine Sample* — Saco de Vômito e Exame de Urina.

Hoje, o Green Day passeia pelas capas das revistas mais importantes dos Estados Unidos, da alternativa *pero no mucho Spin* à tradicional *Rolling Stone*. Porém, certas manias dos tempos de dureza ainda são mantidas. Como a de fazer shows com ingressos abaixo da faixa de mercado. "A gente cobra pelo que vale. Não ganhamos tanto quanto o Metallica, mas temos o suficiente para sustentar nossas famílias."

O assunto família é um prato cheio para sensibilizar Joe. Ele deu seus primeiros passos musicais ao lado do pai, um músico de jazz, que morreu quando Joe tinha oito anos de idade. "Eu me lembro da gente tocando na sala de casa, ele dizendo, 'Você quer tocar rock'n'roll? É tão fácil'". As lições paternas animam tanto o *green* Joe que ele se apressa em contar as primeiras manifestações musicais do pimpolho Joe, de apenas dois anos de idade. "Tenho uma mini-bateria em casa e adoro quando o vejo tocar. Acho legal as crianças aprenderem um pouco de música, mesmo que elas não sigam carreira", diz.

A dedicação ao filho fez Billie dar um tempo nas drogas. "Eu amo ficar chapado, mas ultimamente tenho me cuidado melhor. Não tomo drogas na frente do meu garoto". Billie também promete caprichar na educação do pequeno Joe. "Gosto de mimar o meu filho. Curto vê-lo comer *waffles* e atum", corujeia.

O filhote Joe é o primeiro rebento de Billie e Adrienne, um romance que nasceu muito antes de *Dookie*. Os outros companheiros de banda

Os diabos verdes capricham na careta: Billie Joe, Mike Dirnt e Tré Cool

Hüsker Dü, o trio güni

Greg Norton, Grant Hart e Bob Mould, do Hüsker Dü

[illegible]

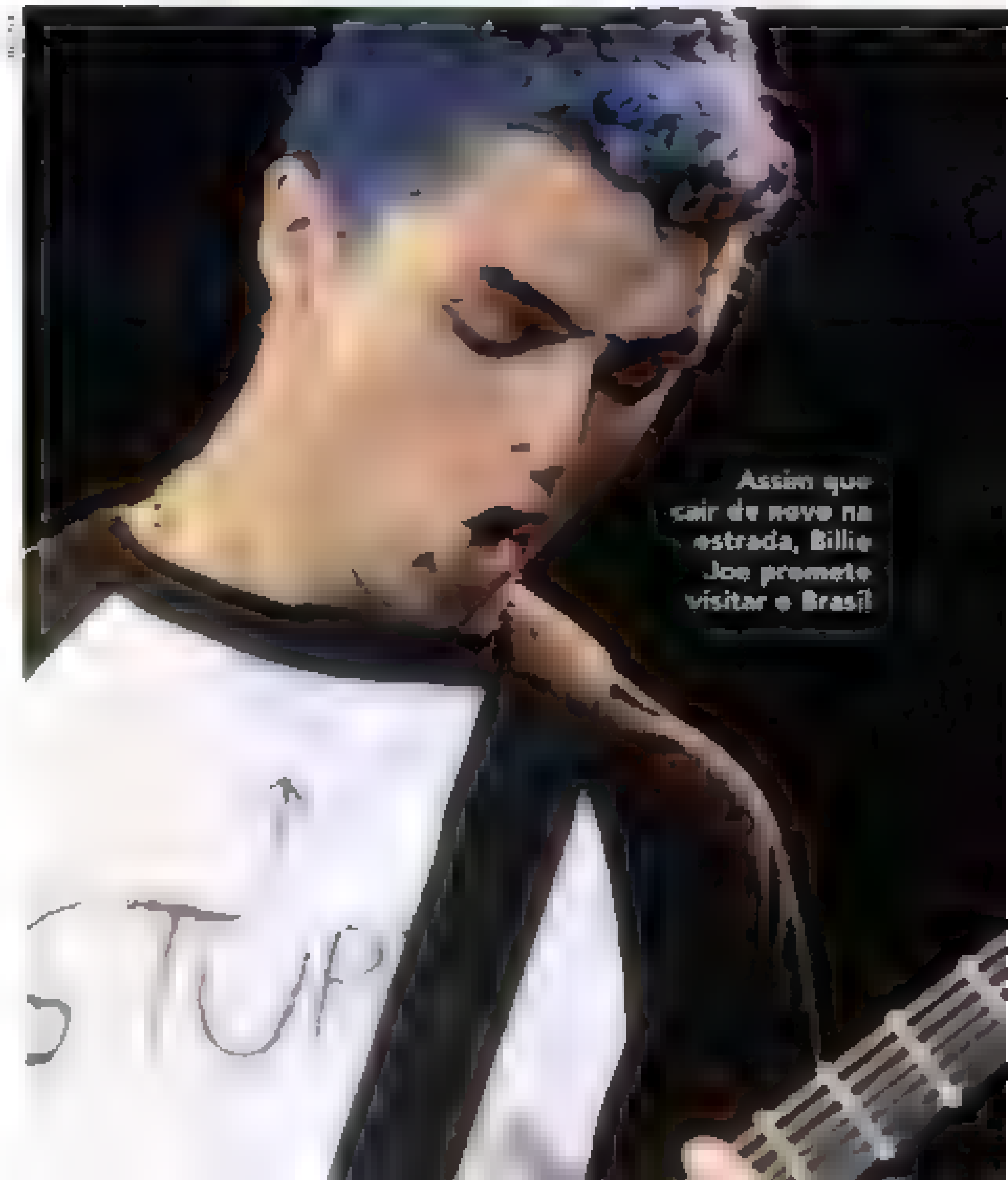
"John Lydon (*Sex Pistols*) é invejoso e parece a minha avó. A voz dele não lembra a de uma velha?"

também estão amarrados: Mike namora Anastasia e Tré tem uma filha, Ramona. Êpa! Os filhos dos caras se chamam Joe e Ramona?

"É, mas não tem nada a ver com os Ramones", conserta. "O nome Joe vem do pai de Adrianne. As pessoas sempre brincam com isso". Quem mais [illegible] da situação é o próprio Tré. "Ele anda [illegible] o futuro de nossos filhos. Diz que daqui a 15 anos, quando entrar [illegible] no quarto de Ramona, às três da [illegible] pegar Joe [illegible]", gargalha.

Bem, já sabemos que em seu tempo livre Billie Joe cuida da patroa, entope o filho de *waffles* e fofoca com seus companheiros de banda. O que mais ele anda fazendo? "Compro discos. Minhas últimas aquisições foram *Murder Ballads*, do Nick Cave, e *Anthology 2*, dos Beatles. Você curtiu a coletânea deles? É impressionante como algumas versões são melhores do que as originais!"

O papo está bom, mas Billie tem de desligar. Não sem antes sapecar um "I love you *Sergiou*" prometendo outra conversa quando vier ao Brasil. Punk dizendo que me ama? É ruim, hein?



Assim que sair de novo na estrada, Billie Joe promete visitar o Brasil

Cidade Negra engata uma parceria espiritual com Patra

um pra subir canto

por SÉRGIO MARTINS

Toni "Xangô" Garrido e Patra "Iemanjá": o Cidade Negra investe mais uma vez na conexão Brasil-Jamaica

Como bem professa Bezerra da Silva "Malandro que tem perna curta sai de casa mais cedo". No ano em que Skank e Paralamas do Sucesso prometem novos e vibrantes trabalhos o Cidade Negra desde maio trampa duro no estúdio Nas Nuvens (Rio), preparando o sucessor de *Sobre Todas As Forças* – 800 mil cópias vendidas Entre inéditas de Djavan e regravações do cancioneiro jamaicano, o grupo, sob a proteção de Xangô – segundo a irmã do vocalista Toni Garrido –, importou uma Iemanjá de ébano: a cantora e DJ jamaicana Patra

A moça desembarcou no Rio às vésperas do Dia das Mães para colocar a voz em "Realidade Virtual", uma das candidatas a hit do novo álbum. Disse que torcia pelo Cidade desde criancinha. "A única coisa que os difere do reggae jamaicano é que eles cantam em português."

Patra acha que o apressado come cru. Na vida, no sexo – "há alguns garotos que transam rápido demais", desabafa – e até mesmo na música Por isso mesmo, preferiu se entregar aos prazeres do Rio antes de gravar com o Cidade. "Já fui à praia um montão de vezes. Aprendi a dança do tchan e a dança da garrafa Mas achei fáceis demais", desdenha a moça, cuja performance dos clips nos faz acreditar que o Kama Sutra é jamaicano

Depois de gravar com o Cidade, a moça cancelou várias entrevistas que iria dar em São Paulo e se mandou para as praias do litoral carioca Quem sabe em busca do tão sonhado namorado brasileiro, que fez questão de reclamar em todas as entrevistas.

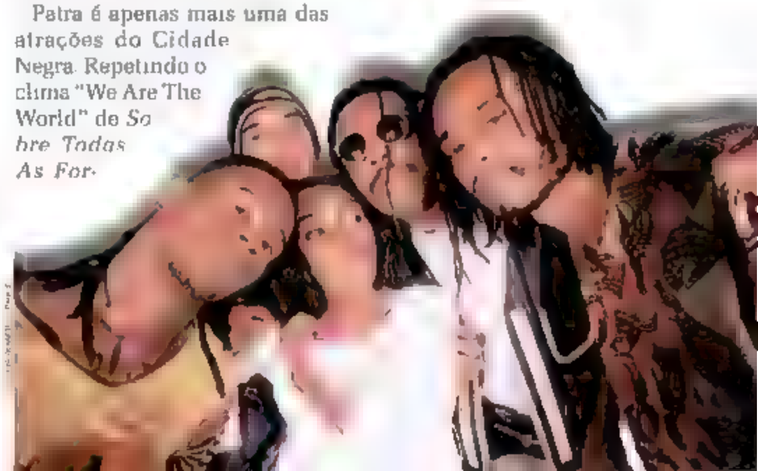
Eu tenho um namorado Ele é africano e eu o adoro Mas nessa vida a gente sempre tem de estar aberto a novas sensações."

Patra é apenas mais uma das atrações do Cidade Negra Repetindo o clima "We Are The World" de *Sobre Todas As For-*

ças – que contou com músicas de Nando Reis e Marisa Monte Skank e participação de Gabriel O Pensador –, o novo disco do grupo carioca terá novamente a produção de Liminha e reserva algumas surpresas. Como "Free", que o Inner Circle deu de bandeja para os *reggaemen* da Baixada Fluminense

O Cidade também vai regravar uma canção de Yellowman – que deu as caras em *Lute Para Viver* primeiro album do grupo – e "Sitting And Watching", do cantor Dennis Brown – esta uma sugestão do baterista Lazão. O grupo ainda estava esperando uma canção inédita de Djavan

Encerrados os trabalhos, o Cidade Negra encara outra pedreira. Vai tocar pela terceira vez no Sumfest, um dos festivais mais badalados da Jamaica. Se a Patra pode dar as caras? "Quem sabe? Se eu estiver por lá...".



NOSSO JEANS DESPE MELHOR.

Lee

LEE JEANS. PRAZER DESDE 1889.

divina dO DRAMA

Cool? Sem essa! Cesaria Evora esquenta a garganta com a pinga de Cabo Verde e encanta o mundo cantando sublimes mornas – elos perdidos entre o fado e o samba-canção

GROGUE

Cesaria Evora, a "musa dos pés descalços", quase subiu nas tamancas ao saber que em sua segunda temporada no Brasil após dois anos não iria a outras cidades além de São Paulo. "Quero conhecer outras cidades do Brasil!", brigou com a empresária. Ameaçou tirar o time de cinco músicos de campo. Afinal, tem cacife para isso: seu sexto disco europeu, *Cesaria*, toca na Europa e América, **ela acaba de participar de um CD de Ryuichi Sakamoto e voltar de uma turnê consagradora pelos Estados Unidos.** Aos poucos, a cantora cabo-verdiana de 54 anos voltou a pôr o pé no chão. Já estava no Brasil e aceitou fazer cinco shows e uma apoteose domingo, 9 de junho, no Parque do Ibirapuera.

Nos espetáculos, mostrou a potência vocal e a sensibilidade que seduziram os franceses em 93, com o CD *Miss Perfumado*, e agora tomam o mundo. O repertório de Cesaria se compõe de mornas e coladeiras, ritmos típicos de seu país, um arquipélago da África formado por dez ilhas vulcânicas crestadas pelo vento, com 350 mil habitantes. A morna pode ser descrita como um ponto equidistante entre o fado e o samba-canção. Fala de saudade e separação, ao som de cavaquinho, violão e pandeiro. A coladeira é a aceleração da morna, com temática burlesca.

Apesar da agenda inchada, Cesaria cavou hora a fim de visitar Santo André, núcleo de colônia cabo-verdiana no ABC paulista. Para tanto, cancelou sem avisar a entrevista marcada com a SHOWBIZZ. A reportagem esperou-a por duas horas em seu hotel. Debalde, como ela diria. Mas fotógrafo e repórter não esmoreceram e foram encontrá-la no dia seguinte no salão nobre da Casa de Portugal, na avenida Liberdade. Havia acabado de ser homenageada com um banquete e parecia tonta. Mas jurou não ter bebido um só gole.

"Não faço isso desde dezembro de 94, contei no relógio para apostar com aquele ali", diz, apontando o *road manager* Angelo, da Lusafrica, sua gravadora parisiense. Angelo apostou que Cesaria não conseguiria. "Perdeu!" afirma. Isto não a afasta da aguardente durante os shows. Angelo faz vistas grossas e finge perder, sempre.

O amor ao álcool está na razão inversa ao pelas entrevistas. Costuma responder às perguntas por monossílabos em crioulo, dialeto local. Mas naquela tarde, endiabrada, falou pelos quatro ventos. »

por LUÍS ANTÔNIO GIRON
fotos JORGE ROSENBERG

Cesaria disse que nunca mais iria beber e até apostou com seu empresário. Mas após os shows, encara um Dreher no camarim

"Nunca saí do meu país", gaba-se. "Só vou a Paris para gravar e volto. Gosto do meu gueto pessoal. Em Cabo Verde falta chuva e é por isso que 800 mil pessoas foram embora!" Acabou de construir uma casa em sua cidade natal, Mindelo, na ilha de São Vicente. Mora perto da família: a mãe Joana, de 85 anos, os filhos Eduardo, 36, e Fernanda, 28 – mãe de Adilson, 12 e Janete, 4. Vovó Cesaria gosta, porém, de morar só. Responde na lata por que nunca se casou: "Não sou de ficar agarrada."

O primeiro filho ela teve com um violonista de Mindelo, o português Eduardo, que também lhe revelou o talento vocal aos 17 anos. "Ele me descobriu. Casou-se de novo e mora em Portugal. Tive a minha filha com um cabo-verdiano", conta, com uma ponta de mágoa na língua. Eduardo levou Cesaria para as rádios locais, a Barlavento e a Rádio Clube Mindelo. Foi ali, a partir de 62, que ela gravou dezenas de mornas e coladeiras e lançou dois compactos. "Essas gravações até hoje tocam em Mindelo."

Não vai editar esses registros, já que os regravou nos discos europeus, produzidos desde 88. Seu material sempre foi idêntico: trovas de Ramiro Mendes, Teofilo Chantre, ambos na casa dos 30, e Manuel de Novas, 55, além do patriarca B. Leza (1905-1958). **Maior compositor do arquipélago, B.Leza era tio de Cesaria. São dele "Miss Perfumado" e todas as grandes canções divulgadas pela cantora. "Mal me lembro de B. Leza. Era sensível e inteligente. Fazia festas. Terminou numa cadeira de rodas".** Para o próximo disco, prepara duas músicas do tio.

Cesaria confessa que se cansou de morar com a mãe. "Gosto de ser livre para receber. As pessoas chegam, almoçam e ficam minhas amigas". Nascida de uma linhagem de cozinheiros, ela aprecia preparar para os convidados a cachupa, prato nacional, com milho, feijão, carne e verdura refogada. "Feijoada também. A influência brasileira não se resume a música". Grogue é a bebida nativa. "Uma delícia! É aguardente de cana, como a pinga, só que com gosto diferente. Preparamos o ponche com grogue, melado de cana e limão". O assunto bebida a leva à especulação metafísica. **Conta que, da primeira vez que esteve no Brasil, em 94, provou caipirinha. Resultado: não conseguiu dar um passo. "Eu amava o uísque. Bebia de dupla. Agora não posso sentir nem o cheiro". Quer deixar o tabaco. Mas carrega um maço por precaução. "Minha voz nunca se afetou por causa do cigarro ou da bebida. Envelheceu, pronto."**

Seu passatempo é sair para noitadas nos clubes de Mindelo. "Fico a ver os outros dançarem. Agora a Cesaria só dança com as mãos. Não tem mais pé". Explica por que não quer cantar em português. "Tenho medo de falar errado. É por isso que nunca me meti a cantar fado. A Amália Rodrigues ia me fazer troça!" Samba é outra história: arrisca sempre a cantar um. "A música cabo-verdiana é mais parecida com o samba do que com o fado. Eu sei que a Angela Maria, minha favorita, fez sucesso com fado. Mas prefiro os sambas que ela canta."

Cesaria pára e solta um dó de peito capaz de ejetar Pavarotti da cena lírica internacional. Quer começar o ensaio. Antes de se despedir, promete continuar a conversa num futuro remoto. "Em 97, volto para ver todo o país e lançar meu sétimo disco. Avisa o pessoal que já estou com *sodade*!"

Cesaria Evora: fã da caipirinha, feijoada e das canções de Ângela Maria

NIKE

É COMO PISAR NAS NUVENS

air windrunner

Felipe (*de cabelo descolorido*), Rafael (no *trono*) e Pedro. Ietras de banheiro e energia que só a moleçada tem

confissões de adolescente

POR PEDRO BÓ

Baba Cósmica: três moleques que foram ao banheiro fazer uns sucessos

Eles carregam nas bochechas praticamente imberbes aquilo que os ingleses chamam de *puppy fat*, a gordurinha dos filhotes de cachorro. Gritam, falam todos ao mesmo tempo e implicam uns com os outros à toda hora, deliciosamente espontâneos e, com todo o direito, imaturos. Ainda estão no colégio, são loucos por rock & roll e tocam numa banda. A grande diferença entre Pedro Knoedt, Rafael Ramos & Felipe e outros moleques normais da classe média alta carioca é que as rádios não páram de tocar suas músicas e, nos fins de semana, os três viajam pelo Brasil enchendo ginásios e teatros. O cachê do Baba Cósmica? Dez mil reais por show.

"**Nós somos três moleques que não sabem de porra nenhuma da vida**", solta Pedro, lá pelas tantas durante a entrevista, no apartamento onde mora com os pais, na Barra. A frase veio a propósito de uma discussão filosófico-sociológica sobre o que é, quem é e quem deixa de ser playboy. Entre os gritos, não deu pra chegar a nenhuma conclusão, mas não importa. O que importa é que eles chegaram lá e estão dando conta do recado, segurando platéias de duas mil pessoas. Como eles chegaram lá? Filho de João Augusto, vice-presidente artístico da gravadora EMI-Odeon, o baterista Rafael teve acesso a uma fita demo dos Raimundos na época em que o quarteto ainda procurava gravadora. "Fiquei alucinado", lembra o garoto. O paizão não deu trela para seu entusiasmo e comeu mosca. Da segunda vez que Rafael e seus amiguinhos se empolgaram com uma demo, João Augusto ainda titubeou. Levou esporro do filho: "Se você não pegar vai fazer merda que nem no caso dos Raimundos". A demo era dos Mamonas.

Rafael foi com o pai ver um show da recém-contratada bandinha e, malandreco, levou uma fita do Baba. Deu o mimo para o então anônimo Alecsander Alves e, uma semana depois, recebeu o telefonema. "Puxa, gostei daquela música 'Sábado De Sol', toquei no violão para um pessoal e todo mundo cantou junto. Vocês se importam se a gente gravar?", perguntou Dinho. O resto é história – que pode ser resumida assim: o empresário Rick Bonadio, o mesmo dos Mamonas, chamou o Baba para um teste em estúdio, aprovou e passou a trabalhar com o grupo. Pouco depois, pintou um contrato com o selo independente Natasha.

Agora os detalhes: "**sempre que os meninos pediam a opinião de João Augusto sobre o Baba, levavam uma esculachada. "A gente perguntava: 'E aí, tio, tá legal?' Ele dizia: 'Tá uma meeeerda!'**", conta o agitado baixista Felipe, engatando uma risada demente. Vivência underground não falta ao trio, que gramou um bom aninho pelos pardieiros alternativos do Rio e chegou a sagrar-se campeão de um festival na boate Basement, derrotando nomes com mais quilometragem e charmes extras. "Tinha uma banda chamada Witchcraft, só de mulher, que nego queria votar só pra... ó! Mas, como disseram, os pirralhos da Barra venceram!", lembra Rafael.

A gravação do atual sucesso "Vara Curta" flagra a voz de Pedro Knoedt (também guitarrista) em plena muda. Colega de Rafael no pré-vestibular do Colégio Bahiense da Barra, ele pretende cursar Publicidade. Mas conciliar os estudos com a vida Baba anda difícil. "Chego às 7h e às 7h05 já estou dormindo", gaba-se Rafael, do alto de seu baixo aproveitamento de 36% nas pro- »

Era uma vez três garotos que gostavam de Metallica e maconha... Sem medo do sucesso precoce

vas. "Eu prefiro faltar", diverge Pedro, primeiro colocado nos dois primeiros simulados do ano, mas em queda livre no ranking. Felipe, ainda no segundo ano do Segundo Grau ("do Zoológico Fonseca Soares"), é o primeiro aluno em Zona Orgânica. "Eu já dei porrada num professor de História. Ele me espetou com a caneta e eu enfiei a mão. Taquei o cara na parede", brada, excitado.

Como dá para notar, o baixista é a porção punk do trio, que nasceu movido por um desvairado amor ao Metallica. Rafael conhece tudo, atua até como consultor na gravadora Natasha. Pedro mostra um ecletismo maravilhosamente saudável na CDteca. Green Day, Doces Bárbaros, Satriani... Tudo isso é liquidificado em cabecinhas que se divertem em inocentes churrascos com a turma da escola. Inocentes? Mas, e aquela história de "Sábado de Sol", "chegando lá, mas que vergonha, só tinha maconha"? Maconha? *Yes, please*, eles já experimentaram 357 vezes e são a favor da descriminação, como exige o refrão da música "Mato". "Tudo depende da consciência. Se o pessoal pode se embriagar de pinga...", compara Pedro.

Leitura? "O Rafael gosta de *Playboy*", antecipa-se Felipe. Às vezes fica difícil falar sério (coisa que, convenhamos, está longe de ser o objetivo principal desta entrevista).. Na real, Rafael devora biografias de rock, já leu a dos Beatles, a do Metallica, a dos Mutantes, *Come As You Are*, do Nirvana... Pedro? "Leio pro colégio, *Senhora*, essas porras... Já li *Blecaute* (de Marcelo Rubens Paiva), *Sgt Pepper's*". Ao chegar em Felipe, o assunto morre.

Normal, comum entre adolescentes. E, por falar neles, a entrevista cai no pegajoso valão *Carícia-Punheteen*. Sem gratuidade: afinal, "Vara Curta" fala de um garoto que vai ao bordel e não consegue transar. "No puteiro gastou o dinheiro /No motel, também /Mas João, que tem pinto pequeno /Ainda não comeu ninguém", diz a letra, uma das poucas que não foi feita no banheiro por Rafael. O jornalista sabe que é feio, mas pergunta como foi a primeira vez deles. A música foi baseada na experiência de "um amigo", *but* eles admitem: "A gente juntou dinheiro, combinou de ir e na hora H ninguém foi.". Então tem virgem na banda? "Eu sou, sim, por quê?", acusa-se Rafael, defensivo. Antes que o jornalista tenha uma crise de consciência por ser tão malvado, Felipe conta sua estreia em grande estilo. "Minha primeira vez foi no banheiro da boate Basement", Pedro, mais esperto, prefere não falar no assunto. Os colegas não perdem a oportunidade de sacanear: "Só pode ter sido na Bahia! Ele é um viadinho, não conta nada." Pedro reclama: "Eles fazem a maior pressão para eu contar as coisas que rolam com a minha namorada..." Tsc, tsc... Esses meninos ainda têm muito o que aprender. E que maravilhoso isso pra eles, né?

BaRÃO VeRMELhO RePÓRTeR

Frejat, Guto, Fernando, Rodrigo e Peninha vêm quentes; Caetano, Luiz Melodia, Erasmo Carlos e Bezerra da Silva respondem fervendo

O Barão deu um tempo na farra do rock & roll e foi trabalhar de verdade: depois de caprichar regravando grandes músicas que marcaram as carreiras (como autores e/ou intérpretes) de feras como Caetano Veloso, Luiz Melodia, Erasmo Carlos e Bezerra da Silva no novo disco *Álbum*, o quinteto saiu a campo para apurar o que eles acharam das versões-homenagens.

Os caras se esforçaram. Frejat trouxe o furo, revelou que "Um Índio" seria uma parceria de Caetano com um comandante alienígena; Guto Goffi descobriu que "Vale Quanto Pesa" e outras músicas do clássico *Pérola Negra* tiveram como inspiração a primeira branquinha (mulher, fique claro) de Luiz Melodia; Fernando Magalhães e Rodrigo Santos tiraram a limpo aquela história de corrupção de menores na era da Jovem Guarda (o Tremendão Erasmo admitiu que foram "várias menores"); por fim, o caro Peninha trocou reminiscências varridas com seu compadre Bezerra da Silva. "Não dá pra ficar de repórter; eu não tenho o curso, entendeu?" Tá limpo, Peninha, a gente também não sabe tocar bongô.

por MACEDO RODRIGUES

A estranha história de "Um Índio"

FREJAT: Você ouviu nossa gravação de "Um Índio"?

CAETANO. Ouvi e gostei muito, achei que vocês injetaram bem umas doses de blues na canção.

FREJAT: Quando você fez a música, algo em especial o estimulou? Alguma coisa relacionada ao ser humano na Terra, algo sobre os problemas dos índios?

CAETANO: Olha, as temáticas que aparecem na canção já viviam rondando minha cabeça há muito tempo. A questão do índio, a presença dos índios em nós e também como resquícios de culturas que permanecem isoladas em regiões do Brasil... O índio foi tomado como símbolo da nacionalidade pelos românticos. Toda idéia de afirmação nacional contra o poder colonial tinha o índio como símbolo. Por outro lado, eu sentia uma vontade de falar num tom profético de uma maneira remotamente »

Seria a clássica "Um Índio" fruto da parceria entre Caetano e um ET descido de um ioiô?

paródica, que não fosse muito séria em si mesma. E ainda queria fazer uma canção para a Bethânia cantar no show Doces Bárbaros e saiu "Um Índio". Gosto de ter colocado aquelas figuras heróicas que aparecem no refrão, são figuras pop, Muhammad Ali e Bruce Lee. Tenho um orgulho enorme de citar Bruce Lee. .

FREJAT **É bonito, eu assisti um filme da história da vida dele e é uma história muito bonita...**

CAETANO É, e tem ainda um aspecto de ficção científica na canção. Porque não é só o índio, tem também o disco voador... É um pouco como os profetas do Velho Testamento, que descrevem aquele carro de fogo circular que desce na terra e traz um anjo. Esse índio é meio como naquelas vozes do Velho Testamento. E a canção é profética, com o verbo sempre no futuro.

FREJAT. **Até que ponto a música teria algum sentido ufológico?**

CAETANO Tem a ver sim. Tem até um episódio curioso que eu vou contar. A música faz uma citação direta à música do Gil, "Objeto Sim, Objeto Não", em que ele fala que "do objeto sim resplandecente descerá o índio". Esta música é sobre Brasília e tem uma história misteriosa, porque o Gil fala assim: "Como Rômulo e Remo aparecerão, no mesmo dia, na mesma cidade, no mesmo clarão, objeto sim, objeto não". Ele não sabia, mas Brasília tinha sido fundada na mesma data de Roma e tem uma estátua da loba com Rômulo e Remo, mandada pelos romanos. A música do Gil tem essa coincidência. Bem, muitos anos depois, eu fui a Brasília convidado por uns amigos que queriam me mostrar uns discos voadores. Tinha um lugar com um médium amigo deles que se comunicava e recebia seres de outros planetas. Esse negócio de disco voador é sempre misturado com espiritismo para algumas pessoas. Então, eles me levaram para um descampado no meio do mato, no escuro e a gente ficou ali vendo o tal médium sumir na escuridão. Daqui a pouco a gente viu umas luzes parecidas com aqueles ioiôs que acendem. E eu acho que era isso mesmo, porque era rodado na altura de uma pessoa. Eu sou muito cético, mas tinha um monte de pessoas, todo mundo de mãos dadas, sério, com um pouco de medo. Pois bem, eu, com todo ceticismo, sem acreditar, mas olhando tudo direitinho, fiquei ali esperando algo mais. Até que alguém me disse que o comandante estava mandando me chamar. Quando cheguei lá, encontrei o próprio médium, que dizia que o comandante iria aparecer através dele. Aí ele me disse que eu tinha uma missão importante, essas coisas bobas que eles falam sempre. Aquela típica cena de 171, mas tudo em meio a uma gente estranha, muito interessante. Ele disse assim: "Você vai um dia estar na sua casa, de madrugada (*risos*) e, com o dia nascendo, vai fazer uma música..

FREJAT (*Risos*) **Pô, que coisa mais redundante...**

CAETANO: Mas ele dizia: "Você vai fazer uma música e ver o dia nascer e, quando ela estiver pronta, vai lembrar de mim e dizer: 'O comandante disse que eu ia fazer essa música, uma música que tem tudo a ver com isso aqui'". Eu achei aquilo uma bobagem, acho até hoje. Mas no dia em que fiz "Um Índio", eu estava sozinho, o dia estava nascendo e eu fiz tudo muito rápido. Comecei cantando e nem tive tempo de escrever. Me veio a letra inteira, cantei toda e só depois eu copiei. E realmente, quando estava pronta eu me lembrei desse cara.

FREJAT **Ah, então é uma parceria com o comandante...** *(risos)*

Roberto Frejat e Caetano Veloso, no camarim do Canecão, falando sobre Bruce Lee, OVNIS fajutos e paranormais 171

Guto Goffi, batera do Barão, visitou Luiz Melodia em seu apê na Gávea (R.J.) dois bicudos machos não se bicam, especialmente se um for Flamengo e o outro, Vasco.

GUTO **Quando você compôs "Vale Quanto Pesa", alguma coisa em especial te inspirou?**

MELODIA Eu tava cheio de inspiração. Teve uma coisa especial sim, um namoro que eu tive, que começou com uma pegada num carro, um Volkswagen azul. E eu fiquei apaixonado, porque até então nunca tinha namorado uma branca. Foi a minha primeira branca, uma cabeludona. Na verdade, o *Pérola Negra* tem muitas músicas inspiradas nessa mulher.

GUTO. **O que você achou da nossa regravação?**

MELODIA Dá pra se ver que o Barão tem personalidade, porque é totalmente diferente, mas ficou legal. E vocês cantaram "samba" ao invés de Sandra que era a mulher do Gil e me deu vontade de falar na hora, então ficou Sandra. Acho que nem ela sabe disso.

GUTO. **A gente se conheceu em 89, eu fui lhe mostrar um samba meu que concorria na Estácio. Você nunca fez samba enredo?**

MELODIA As pessoas da minha Estácio nunca me convidaram para fazer mas se me convidarem, eu estou presente. Eu sou da área e acho que eles deveriam me chamar o mais rápido possível. Acho até que quando eu nasci já tinham que me chamar (*risos*).

GUTO **Como andam os trabalhos para seu próximo disco?**

MELODIA Agora mesmo estou terminando um blues para colocar no meu disco novo, que vai se chamar *Luiz Quinze*. São músicas inéditas, parcerias com Renato Pial, com Ricardo Augusto. Na verdade esse disco vai ser bastante de parcerias ..

GUTO **Sua primeira participação em discos do Barão foi numa parceria com o Frejat, *Na Calada da Noite*, que foi até título de um LP nosso. Para mim é o melhor do Barão, mas você só ouviu a sua música. Eu lembro que te perguntei se você tinha gostado e você respondeu: "Ih, só ouvi a minha música". (*risos*) Eu achei uma coisa genial...**

MELODIA Confesso que só ouvi as minhas músicas nos discos de outras pessoas que me gravaram (*risos*). Mas agora eu vou convidá-los para gravarem no meu disco, porque o Frejat reclamou de eu não ter chamado o Barão para tocar no meu último disco, *Relíquias*. Pois bem, estão convidados, vocês e Cássia Eller.

GUTO **Beleza pura. E esse Vascão aí no peito?**

MELODIA. Meu Vasco é meu Vasco. E eu participo: dia desses liguei para o Carlos Germano (*goleiro*) porque li no jornal que ele busca inspiração para jogar ouvindo Zé Ramalho. Eu pensei, 'pô vou mandar um disco pra esse cara'. Ouvindo Luiz Melodia ele vai agarrar mais ainda. Agora me diga desse teu Flamengo.

GUTO **Sou flanático, Flamengo lunático. Eu e Peninha estamos sempre na arquibancada do Maracanã, na Fla 12, com a galera do Bairro de Fátima.**

MELODIA Eu não sou tão doente para ir na arquibancada porque me assusto. Vou nas cadeiras, onde é mais confortável.

GUTO **Pois então vá na arquibancada que você com certeza vai ser carregado no colo.** »

Estamos arquivos do cinema nacional: Roberto Carlos e o Tremendão tocando na banda de Cauby Peixoto!

O guitarrista Fernando Magalhães (à esq.) e o baixista Rodrigo Santos (à dir.) atacaram o Tremendão

OS BONS TEMPOS DA CORRUPÇÃO DE MENORES

FERNANDO Naquela época da Jovem Guarda, como é que "Vem Quente Que Estou Fervendo" chegou até você?
ERASMO: Houve um processo de corrupção de menores e vários de nós fomos acusados. Com isso, o Eduardo Araújo e o Carlos Imperial, os dois acusados, tiveram que dar uma recolhida. Foram dar um tempo numa fazenda em Minas. Nesse período, eles fizeram várias músicas e, como não podiam atuar, distribuíram as canções entre a turma. A que veio para mim foi "Vem Quente".

FERNANDO Você também era acusado nesse processo de corrupção de menores?
ERASMO: Era, mas a minha bronca era só aqui no Rio. E eu fiquei um ano sem me apresentar aqui.

RODRIGO Mas que menores eram essas?
ERASMO: Ah, eram várias (*risos*) fanzocas de rádio. As rádios viviam cheias delas e esse processo foi uma coisa que estourou também devido ao sucesso do movimento, do rock enlouquecendo as cabeças das pessoas. Você sabe que tem sempre uma autoridade que detesta cabeludo.

FERNANDO Vocês tinham problemas com censura ou perseguição política?
ERASMO: Não, porque a gente não se preocupava, nem lia jornal. A gente era conscientemente alienado.

FERNANDO Como eram os shows naquela época?
ERASMO: Eram qualquer nota. Pra você ter uma idéia: tinha show em megafone (*risos*); tinha uns shows que a gente fazia num caminhão andando em círculos, com o volume crescendo quando o caminhão passava na sua frente e sumindo à medida que ele se afastava.

FERNANDO Você tocava baixo?
ERASMO: Eu amo baixo, mas não toco. Toco guitarra, mas não tenho técnica. Até hoje eu não sei tocar com corda de aço, me machuco todo porque não sei usar palheta.

RODRIGO Como você começou a atuar no cinema?
ERASMO: Eu me inscrevi numa agência de modelos e um dia me chamaram para fazer a figuração de um filme chamado *E A Maior*, uma sátira à Emilinha Borba e Marlene. Eu era uma das pessoas do auditório. Vi o filme mais de quinze vezes me procurando naquela multidão do auditório e nunca consegui me ver (*risos*). Depois eu fiz *Aguenta O Rojão*, com o Roberto e uns caipiras de uma festa junina. Só mais adiante, com *Minha Sogra E Da Polícia*, a gente foi mexer com rock. Era eu, Roberto, Armênio, o falecido Trindade e o Carlos Imperial; a gente fazia a banda do Cauby Peixoto. Depois passou a fase amadora e veio *O Diamante Cor de Rosa*, *Os Machões*... Aliás, com *Os Machões*, em 1972, ganhei o troféu que eu mais gosto da minha carreira, o único que eu não ganhei com música: o Coruja de Ouro de melhor ator, o Oscar brasileiro na época.

RODRIGO Qual foi a receptividade de "Pode Vir Quente Que Eu Estou Fervendo" na época?
ERASMO: Foi um estouro. Eu lembro que não podia cantar nada não gravado no programa *Jovem Guarda* porque no dia seguinte o público não encontrava nas lojas. Mas não consegui me conter e cantei assim mesmo.

FLAGRANTES MALDIGADOS NA MEMÓRIA

PENINHA Qual é, Bezerra?
BEZERRA: Peninha! Pô, mas ninguém me avisou que era você. Fala malandragem!

PENINHA Lembra daquele baile de Carnaval, Bezerra?
BEZERRA: Como não? No final dos anos 70, a gente tocava junto como ritmistas na orquestra do maestro Canudo, o pai de Peninha e, também na orquestra da TV Globo. Uma vez, no Carnaval de Fortaleza, a gente tava tocando aquelas marchinhas de salão e esse cara começou a levar um rock na bateria. Eu, que continuava na marchinha, olhei pra trás e ele me disse: "Isso é que é pra frente." Fodeu, pensei, e não deu outra. No meio da música, o pai dele largou pistom e partiu para cima do Peninha, que fugiu correndo. Como eu ria pra caralho, o Canudo acabou ficando puto comigo. Parou na minha frente e disse: "Tu também é um safado." (*risos*)

PENINHA E aí, gostou da nossa versão de "Malandragem Dá Um Tempo"?
BEZERRA: Ficou a mesma coisa, o rock não é tão diferente, só tem uma outra divisão.

PENINHA Pode crer. E a música tá mais atual do que nunca com esse lance da legalização, da Dona Ruth e do apitaço. Todo mundo num clima liberou geral, menos esse bar (o Arataca de Copacabana, no Rio), onde você pode comprar cachaça, mas não pode beber. Pô, isso é o mesmo que apertar e não acender, né, não, Bezerra? (*risos*).
BEZERRA: (*Fazendo piada*) Então bota um copo de leite aqui pro rapaz!

PENINHA Pô, Bezerra, não dá pra ficar de repórter, entendeu? Sabe como é, eu não fiz o curso...

Bezerra da Silva e o perguntoso Peninha na base de "vou comprar, mas não vou beber agora"

MOMENTO exato em QUE o JOVEM C.B.T., 17 ANOS, CONVENCE seu PAI a ASSISTIR ao MTV VIDEO MUSIC BRASIL 96, no DIA 22 de AGOSTO.

Ainda falta um tempinho para o MTV Video Music Brasil 96, a maior festa de videoclipe e da música no Brasil. Se você aceita um conselho, vá desde já fazendo a cabeça do passeio da sua casa. Diga, com toda educação, que dia 22 de agosto, a partir das 21h30, você respeitosamente vai tirar da novela ou do filme para assistir ao MTV Video Music Brasil 96 [illegible] tirar da novela ou do filme para pôr na MTV, só lhe resta uma saída: tortura chinesa.

VIDEO MUSIC BRASIL 96

Apoio

anhembi

REPÓRTER BIZZ

SEATTLE

por CLAUDIO JULIO TOGNOLLI

Fãs de Kurt Cobain peregrinam até a mansão onde ele passou seus últimos dias, em Seattle. Alguém aí falou em fantasmas?

a casa da noite eterna

As hordas grunge transformaram a casa de Kurt Cobain em ponto turístico de Seattle. "Você já foi lá? Vale a pena", incentiva Jim Fricke, que nas horas vagas toca guitarra com outro ilustre habitante da cidade, o magnata dos computadores Bill Gates – para quem está organizando o Museu do Rock.

No dia seguinte vou à casa de Kurt acompanhado de Paul Schwabe, funcionário do departamento de Estado dos E.U.A. e fã de Nirvana. Fica defronte ao lago Washington. O silêncio é inacreditável e o frio também. A mansão, construída em 1901, parece o Solar de Usher do conto de Allan Poe. A estufa/garagem onde Kurt Cobain se matou estava intocada ainda. Pouco depois, sua demolição seria ordenada por Courtney Love. A viúva ainda mora na casa, onde ensaia com o Hole, e é por isso que vemos uma reforma no segundo andar – será ali seu novo estúdio.

Ao lado da casa há um terreno *mezzo* baldio – cujo nome oficial é Viretta Park – com um banquinho, onde, segundo os vizinhos, Cobain se sentava de madrugada para fumar um baseado e olhar para o lago. Para lá se deslocam verdadeiras excursões de fãs. O banquinho de Kurt é diariamente entalhado com inscrições do tipo: "Você é imortal", "Eu te amo" e outros.

Courtney reclama da erosão em volta da linha da cerca (tem sempre alguém que tenta escalar) e mandou colocar sete placas na porta da casa, onde se lê: "Cuidado com o cão". Na verdade, uma visita da inspeção municipal determinou que ela devolvesse à Prefeitura três metros da entrada da casa. Dizem os visitantes, incluindo Paul Schwabe, que ninguém vai ao parquinho à noite, pois ali vagaria o fantasma de Cobain. Segundo Paul, o guitarrista "vem olhar o que Courtney anda fazendo na ausência dele". Não ficamos para conferir. Um dos pedreiros, Peter, diz que antes de mandar botar abaixo a *greenhouse*, Courtney não deixava que se mexesse em nada por lá. Peter relata que Courtney promove "festas e festas" na casa. "Se eu vi alguém conhecido por aqui? Não, ninguém, só vi uma vez aquele careca do R.E.M."

A casa continua alugada por US$ 5 mil mensais. O lugar é tão silencioso que, fora os turistas que vão ver o banco de Kurt, um carro passa pelo local a cada meia hora. Não há como não se perguntar o porquê de Kurt ter se matado vivendo num paraíso daqueles. Detalhe: a caixa de cartas está lotada de pacotes e missivas coloridas. São os fãs de todo o mundo. O endereço é 171 Lake Washington Boulevard E, Seattle, WA.

Quem matou Kurt Cobain?

Leitores dão uma de Sherlock e desvendam a morte do líder do Nirvana

O que será que os leitores andam misturando em seus sucrilhos? A promoção *O Crime Compensa*, publicada na edição 129, foi lisérgica. Para ganhar *Singles*, a caixa do Nirvana, a turma viajou e criou versões genialmente estapafúrdias sobre a morte de Kurt Cobain. Jailton Severo da Silva, de São Miguel Paulista, fez esta história em quadrinhos sensacional que publicamos aqui. Alexsandro Ferreira Corrêa, de Campinas, mandou a prosa desvairada aí da página ao lado. Os nomes dos outros oito ganhadores você confere aí embaixo. Boa sorte, maluco!

"Kurt Cobain realmente cometeu suicídio. Mas, os motivos que o levaram a isso, eram desconhecidos. Eram? (Sim, eram)

Hoje, checando algumas informações cheguei a uma conclusão. O Brasil cooperou - e muito - para o suicídio da grande estrela grunge. Em sua estada neste país tupiniquim, em 93, Kurt gostou muito das praias e das mulheres, mas queria conhecer algumas bandas brasileiras de rock.

Os organizadores dos shows arrumaram então os CDs dos Engenheiros do Hawaii. Foi quando ele ouviu, entre outras coisas, "O Papa É Pop" e "Parabólica". A mente do astro, já afetada pela cocaína e pela heroína, quase não conseguiu absorver essas novas drogas.

Kurt começou a definhar, e, retornando aos Estados Unidos, descobriu que Courtney Love estava tendo um caso com o centroavante Romário. Isso só iria provar que Courtney já havia sido infectada e sofria – ainda sofre – da síndrome da vaca louca. Sua filha, Frances, estava viciada em assistir aos seriados Power Rangers e Cavaleiros Do Zodíaco.

Todos estes acontecimentos foram fortes demais para a já debilitada mente de Kurt Cobain – afetada ainda mais pelas músicas dos Engenheiros. Imaginando que a sua vida não teria mais solução, resolveu dar um fim a ela. Então, pegou uma arma e deu um tiro na cabeça.

Isso é verdade. As informações foram passadas pela Mãe Dinah e tiveram o aval do cigano Igor (ele nada falou, mas balançou a cabeça afirmativamente)."

(Alexsandro Ferreira Corrêa, Campinas, SP)

Os outros ganhadores do caixão do Nirvana foram: Fábio Assumpção da Cunha (Bagé, RS), Ana Carolina [illegible] (São Paulo, SP), Alexandre [illegible] (Blumenau, SC), Antonio Batista [illegible] (São Carlos, SP), Milton [illegible] de Souza (São João de Meriti, RJ), Ricardo Farsoni (Vila Velha, ES), Elizabeth Cristina Vargas (São Paulo, SP) e Lourival Alves de Melo Filho (São Bernardo, SP)

MTV oid

por Leticia Caimon

Compenetradona, a garota carioca Fernanda Abreu mostra seu show de suingue pelo Brasil, mas morre de saudades da família. É o que você vai ver no *MTV Na Estrada*

a viagem da lata

Fernanda Abreu descendo na boquinha da garrafa! Este foi um dos flagrantes que a equipe do *MTV Na Estrada* registrou no programa que vai ao ar dia 26 de julho. Na cola da cantora, as câmeras da emissora seguiram a turnê do show *Da Lata* por Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul.

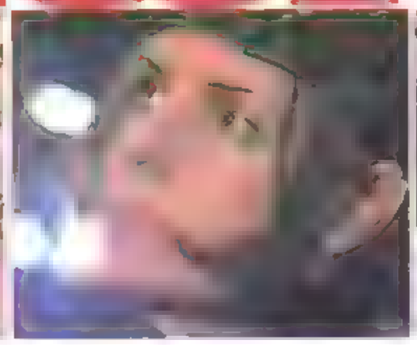
O sucesso é nacional, mesmo com o Rio sendo pauta principal de seu disco. "Falo do Brasil através do Rio, se falasse de outro lugar, soaria falso. Não vejo problema em cantar a minha cidade, é como o Caetano cantar a Bahia", defende Fernanda. Na passagem por São Paulo, a garota carioca suingue-sangue-bom foi a alegria de estudantes que faziam uma excursão. Cantando, pedindo autógrafos e tirando milhares de fotografias, eles cercaram Fernanda no aeroporto de Cumbica e não a deixaram em paz um segundo durante o vôo para Campo Grande – para desespero de seu segurança Da Luz, um (como diz o nome) reluzente armário de mogno humano.

Quem ainda pensa que carioca não é *muy* amigo do trabalho, não conhece a verdadeira Fernanda Abreu. A ginga de garota esperta é apenas parte do show dela. Por trás de rebolados, o trabalho é duro e haja paciência para cumprir ordens da exigente Fernandinha. "As pessoas dizem que sou dominadora, confesso que sou meio chata mesmo", assume ela. Fernanda centraliza tudo. Todos - sem exceção - trabalham em cima de suas definições. "Tenho de dar a direção, senão a equipe fica perdida", justifica. Ela dirige o show, com a ajuda, entre outros, do maridão Luis Stein (cenografia) e de Débora Colker (coreografia). "Mas Fernanda não é nenhuma mandona. Não presenciei nenhum ataque histérico", ressalva o repórter Renato Lima, da MTV.

Se não há ataques, é porque tudo é cuidadosamente planejado e repassado nos ensaios. Fernanda não falta a nenhum deles, nem trabalha na base do improviso. Os últimos toques são dados minutos antes de entrar no palco, no camarim da banda. (Fernanda, apesar de ter um camarim só pra ela, não sai de perto de seus meninos.)

Sou ambiciosa, quero as coisas e faço tudo para conseguí-las", explica ela. Mesmo que para isso seja preciso subir no palco doente (com uma bruta gripe e dor de garganta), como nos shows em Pelotas e Porto Alegre. Ela fez o show sem que fosse possível perceber seu estado e, quando terminou, dá-lhe toalha na garganta.

Super-sena, ela só perde o jeitão compenetrado quando o assunto é família. Comprar presentinhos para a filha Sofia é sua atividade principal durante as turnês. No melhor estilo Xuxa, Fernanda até aproveitou o programa para mandar beijos para o pai, a mãe, o marido e a pimpolha. A viagem do show *Da Lata* é uma saudável careta.



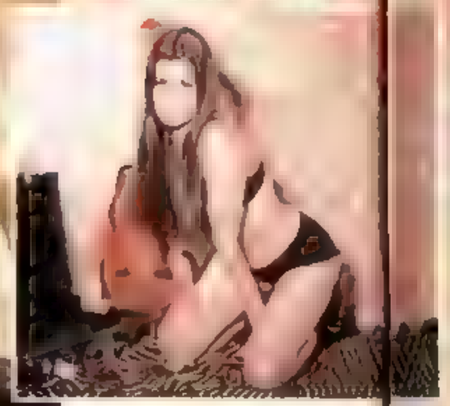
Fernanda dançando com um estranho (a garrafa) no saguão do aeroporto (*à esquerda*) e (*à direita*) mostrando a latinha onde guarda misteriosos pertences

Roberta Little

“good girl, não!”

Você pode até duvidar que uma menina que carrega no sangue o código genético do Robertinho de Recife tenha toda essa categoria aí. Mas, acredite, a jovem cantora Roberta Little é filha do feioso guitarrista e até se acha parecida com ele. Como ela mesma diz, “por dentro”, é claro. “É impressionante como a gente se parece. Pensamos do mesmo jeito, agimos do mesmo jeito... Os nossos gostos também são superparecidos”, diz a pequena Roberta, que não gosta de ser chamada de Robertinha. Aos 20 anos, a cantora acha que a fase em que ela incomodava muita gente cantando o megasucesso “Elefante” ao lado do *paipai*, em 82, já passou. **“Eu não sou mais aquela menininha... as pessoas têm de entender que eu cresci!”** Percebe-se. Robertinha participou do projeto Rapsódia Rock cantando “As Bachianas” ao lado do pai, foi bailarina do Benjor e em 94 soltou os bichos falando de sexo sem a menor cerimônia na revista *Sexy*. O Robertinho virou Robertão e não gostou. “É... nenhum pai gosta de ver esse tipo de coisa, né? Mas eu era louca louca... muito louca. Pirei na adolescência, naquela época eu tava topando qualquer coisa. Agora não, mudei bastante...” »

por **Robert Halfoun** fotos **Fábio Cabral**



Roberta Little

Mais comportada, Roberta só quer saber de trabalhar seu primeiro disco, *Amiga*, produzido pelo próprio pai, é claro. Tudo bem família. Filha também da produtora do Cidade Negra, Neusa Albuquerque, Roberta aproveitou a mamãezada para contar com a galera de Belford Roxo em várias participações no álbum. "Meu som é meio reggae, meio caribenho... O Toni (*Garrido*), o Lazão e o Da Gama me deram a maior força", conta, orgulhosa. E continua empolgada: "Toda energia que eu gastava na noite, resolvi colocar na música. Conto vários casos que eu vivi e tenho certeza que as adolescentes de hoje vivem também. E um disco para meninas, sabe?" Mas calma aí, que Roberta não se esqueceu dos marmanjos. "Não virei uma *good girl*, não! Só não quero ficar parecendo mais uma franguinha nova."

"Na adolescência, eu tava topando qualquer coisa. Agora não, cresci bastante"

Cabelo e maquiagem: Pedro Corvello (Truco e Capelo)

RON WOOD

O guitarrista dos Rolling Stones diz que a Aids mudou as relações com as tietes e anuncia a volta da banda ao Brasil em 97

por MARCOS FILIPPI

Você declarou que, nos anos 80, a pintura foi sua principal fonte de renda. Foram anos muito difíceis?

Os Rolling Stones não excursionaram nesse período e as pessoas vinham bater em minha porta, cobrando as contas. Pensei: por que não me lanço como pintor para pagar minhas contas?

Música e pintura andam lado a lado?

Tranquilamente. Eu viajei em turnê há alguns anos pela Europa fazendo exatamente isso. À tarde eu pintava e à noite fazia shows.

É verdade que os Stones voltam ao Brasil no ano que vem?

Ainda não tivemos uma reunião com nossos managers para saber em qual época de 97 (*provavelmente em maio*) nós voltaremos, mas a possibilidade é grande.

Vocês excursionaram por 13 meses. Como conseguem ficar tanto tempo na estrada?

O pior de uma turnê é seu final, quando as doenças aparecem. Além disso, todas as noites, às 21h, eu acordo assustado: "Vai começar o show!"

Como você lida com o assédio dos fãs e da imprensa?

Qualquer coisa mais grave que ocorrer, eu corro. No vernissage realizado em São Paulo, uma moça que tinha a pele mais grossa que a de um rinoceronte não parava de se esfregar em mim (*risos*). Mas nem assim eu esquenteI.

"Tive problemas com as drogas. Não consegui achá-las"

Vocês já começaram a preparar o sucessor de *Stripped*?

E como está seu novo disco solo?

Como é [illegible] as brigas entre [illegible] Jagger e Keith Richards?

Um dos motivos da briga seria a tal rebeldia de Keith Richards?

Quando você entrou no grupo, em 75, já sabia do problema deles com as drogas?

Bill Wyman declarou que havia conquistado 278 mulheres. Quantas você faturou?

Ótimo
Bom
Regular
Ruim
Importado

Brasil legal

Carlinhos Brown, "Alfagamabetizado"

● São Paulo, 1994. Carlinhos Brown dá uma entrevista no saguão de um "aperto-hotel". O casal de meia-idade, distinto, pára diante do elevador e olha firme, inquisidor mesmo. O que é? Implicaram com o nariz do africano? O cabelo? A chupeta no pescoço? O elevador chega, o casal entra. Mas muda de idéia e volta: "Desculpe, você não é o Brown? Olha, muito prazer. Nós somos os pais de Fulana, que esteve com você em Salvador, nas férias. Ela adorou você, estávamos loucos pra te conhecer também..."

E, faltava ao Brasil um herculoide como Carlinhos Brown. Alguem de bom coraçao, muita atitude, antenado com a musica do planeta, com o dom da batucada, apaixonado pela tecnologia. Alguem muito mais que baiano ou brasileiro, reinventando a lingua, a forma e o conteudo do nosso repertorio, sacrificando o virtuosismo da voz em nome da legitimidade, do *feeling*. Uma criatura gasosa, com o *swing* de Gil, a suruba linguistica de Ben Jor, a dolência de Caetano, as secadas do Melodia, as bacias e molas de Hermeto Pascoal.

Brown é um Brasil brasil, mas com qualidade total, cozinhado na brandura, com a experiência do *hit parade* baiano, as parcerias com Caetano, Herbert Vianna, Nando Reis, Daniela Mercury, Sérgio Mendes, Bill Laswell, Sepultura! *Alfagamabetizado* é chique, tem Arto Lindsay e Wally Badarou, dois gênios da produção, mais a participação dos Doces Bárbaros e Marisa Monte.

É um disco menos pretensioso do que permitiria todo esse auê, e tem uns caras famosos que os distraídos nao conhecem – Léo Bit Bit, Babeu, Chuchupa, Tripé, Dois Metros, Morotó, Onça, Zão e Zezeu etc. Temeroso rotular ou transcrever as letras: é o som do Carlinhos Brown, o cara legal que todo mundo gostaria de conhecer em Salvador, nas férias. *OTÁVIO RODRIGUES*

ELVIS COSTELLO
All This Useless Beauty
WEA Music
O parceiro do Macca

● Mesmo que não se levasse em consideração tudo que Elvis Costello tem composto sozinho nos últimos vinte anos, ainda assim teríamos de admitir que ele é o parceiro que faltava a Paul McCartney depois de Lennon. Só Elvis a nda consegue arrancar de Mc ca pero as como "Shallow Grave" que faz parte deste disco.

Mas Costello tem muito mais a oferecer. As faixas "Poor Fractured Atlas", "I Want To Vanish", "Why Can't A Man Stand Alone" e "You Bowed Down" são algumas provas de que o artista divid do entre as personalidades de E vis Costel o e Declan McManus permanece vivo e cantando como nunca. Mesmo que aquela raiva de tempos atrás tenha se transformado numa imensa melancolia.

MARCOS SUMMOFF

CAST
All Change
Polydor/PolyGram
Britpop passa no teste final

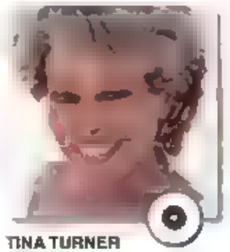
● Daqui a alguns anos será descoberto o maior efeito colateral do ecstasy: a habilidade especial para a criação de melodias pop. Só isso explica a avalanche de bandas inglesas praticando um pop à beira de perfeição: Oasis, Pulp, Blur, Bluetones...

O Cast faz parte dessa leva. Liderado por John Power (ex-La's, vocalista e autor de todas as músicas), pratica um pop/rock repleto de melodias angelicais e vocais harmoniosos. Sim, lembra anos 60, e muito. Mas, da mesma maneira que o Oasis recicla (e melhora) os Beatles, o Cast faz sua recriação particular de Who e Herman's Hermits.

"Walkway", a melhor faixa de *All Change*, disco de estréia da banda, é Hermits puro, com Power lembrando a inocência do vocalista Peter Noone. Guitarras agressivas revisitam Who em "Alright", o hit do grupo. "Tell It Like It Is" e "Back On My Mind" Outra influência, o Byrds, aparece em "Promised Land".

Difícil acreditar que este seja um disco de estréia. Mais uma prova de que o *britpop* veio para ficar.

MARISA ADÁN GIL



TINA TURNER
Wildest Dreams
Parlophone/EMI Odeon
Conservada em formol

● Aos 57 anos, o segredo de Tina Turner para se manter enxutona deve ser mais ou menos o seguinte: formol no café, formol no almoço, formol no jantar e é claro uma plasticazinha aqui, outra maquiagenzinha acolá.

Musicalmente, Tina tenta ficar mais jovem trazendo gente moderninha pra trabalhar com ela. Trevor Horn (Yes, Seal) produz quase todas as faixas. Nellee Hooper (Madonna, Soul II Soul), Pet Shop Boys, Bono Vox e até Antonio Banderas – não pergunte o que o ator faz cantando na faixa título – também participam do disco.

O resultado é pop rock baba com aquele ranço de Bryan Adams, baladas e até chucundum eletrônico. Na receita de rejuvenescimento só faltou um ingrediente básico, um grande hit como "Private Dancer" ou "What's Love Go To Do With It", o que atrapalha sua decolagem.

ROBERT HALFON

KING SUNNY ADE
E Dide Get Up
Mesa/Continental
Rei do juju é isso aí

● King Sunny Ade destrói nossas prévias idéias sobre música. Ninguém ofecendo, por exemplo, por Jimi Hendrix, conseguiria entender a suileza das guitarras do juju nigeriano. A menos, é claro, que de estasse tudo que lhe ensinaram antes nessa materia. Como perceber a dance music dos tambores falantes da nação Yorubá? Cadê o bateestaca, nossa referência para não errar o passo na pista?

E que difícil a situação dos críticos: como fazer juízo das músicas que Ade toca em festas populares o ano todo, até oito vezes por semana, num país de 110 milhões de dançarinos? Música espiritual, música para casamento, para batizado, rituais de passagem.

E Dide Get Up é, por isso tudo, a cara de outros discos do rei do juju. Não há espaço aqui para grandes novas idéias de ritmo, melodia, harmonia. Apenas a busca interminável da perfeita reprodução daqueles tambores mânticos, titânicos (datas sessões de gravação, mixagem e masterização em estúdios de Richmond Beach, Seattle e Los Angeles).

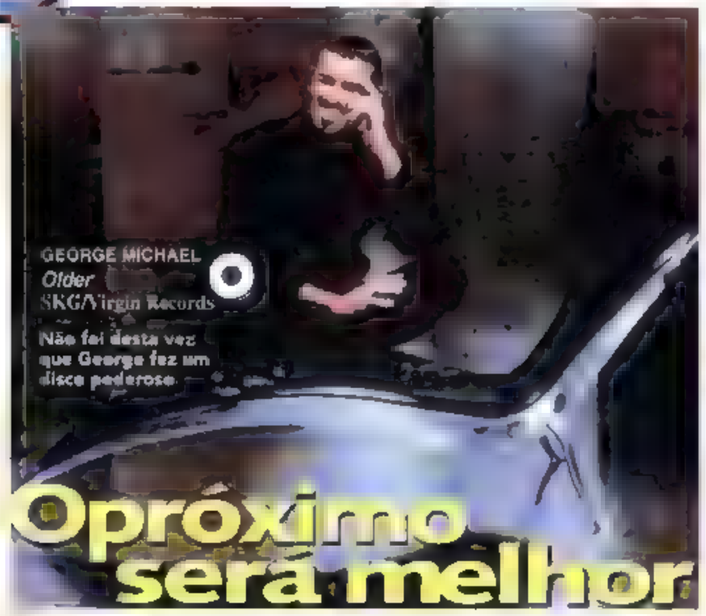
Enfim, o som de Sunny Ade é uma síntese pronta, resolvida, que está acima de qualquer expectativa do mercado ocidental. É o que é – se é que me entendem. *O.R.*

viagem fantástica

● Com ou sem a onda grunge de Seattle, o Soundgarden teria se destacado como uma das mais potentes bandas de rock pesado por seus próprios méritos. E apesar de seus discos serem densos, longos e quase impenetráveis para quem prefere o *fast food* do punk pop atual, os três últimos trabalhos da banda – principalmente – mostram, ao mesmo tempo, uma evolução e uma continuidade que os faz soar diferentes entre si, embora interligados.

Por outro lado, a escolha da banda por caminhos difíceis torna, ao mesmo tempo, árduo e prazeroso atravessar as 16 faixas que ultrapassam os 60 minutos de viagem de *Down On The Upside*. Árduo para quem não estiver sintonizado na deles. Prazeroso para quem se dispuser a gastar horas e horas se embrenhando pelas divagações existencialistas da banda. No fim das contas, a viagem compensa. E pode até viciar o passageiro.

TOM LEÃO



• Imagine que George Michael era o máximo para você. Quando vocalista do Wham, ele tinha o perfil mais perfeito para o pop dos anos 80, carisma de sobra e um jeitão para compor faixas tão fáceis quanto inesqueciveis. *Faith*, seu primeiro álbum solo, transformou-se numa bíblia do pop, referência obrigatória para qualquer antologia musical de fim de século. Depois veio o difícil *Listen Without Prejudice Vol. 1* em que Michael falava sério enquanto dançava ("Freedom 90") e falava bobagem sem ser banal ("Heal The Pain").

Aí, seu ídolo briga com a gravadora e demora cinco anos para lançar um novo disco. "Obrigado por esperar", escreve ele, no libreto de seu novo trabalho, *Older*. Obrigado o cacete. Não há nada no disco que justifique a sua devoção.

Só que aí você escuta *Older* de novo. Em "The Strangest Thing", encontra-se alguma melodia. A mesma sensação vem em "Move On". Você se entusiasma mais em "Star People". Logo depois, emociona-se um pouco com "You Have Been Loved". O encanto vai embora com um Kenny G de quinta em "Free".

Você queria gostar de *Older*, mas não detona George Michael. Prefere acreditar que ELE AINDA VAI GRAVAR UM DISCO PODEROSO.

Zuza Homem de Mello

ARNALDO BAPTISTA
Singin' Alone
Virgin Records
Canções a forceps

• Arnaldo Baptista foi membro fundador dos Mutantes, a mais importante banda do rock e do pop nacionais, mas seu trabalho solo permanece quase desconhecido. O relançamento de *Singin Alone* (82) desfaz a neblina apenas em parte.

Entre sua gravação e o lançamento, Arnaldo tentou se matar e o disco ficou perturbado, contaminado por canções extraídas a fórceps – com muita dor e vocais por vezes irreconhecíveis, cuspidos quase sempre em inglês. Não repete em proporção o talento derramado em *Loki?* (74) – este sem imprescindível (e que a PolyGram teima em manter fora de catálogo) –, mas ainda hoje soa pungente.

E vem com bônus. Arnaldo demonstra inédita recuperação e canta uma nova e triste versão de "Balada Do Louco". Inexplicavelmente, não o deixaram fazer mais do que cantar e o resultado é um arranjo piegas, "enriquecido" por um pavoroso coro. Não é salvo apenas pela voz histórica do mutante.

Pedro Alexandre Sanches

PSYCHO DROPS
Medo De Ninguém
WEA Music
Canções que pegam na veia

• Ligados no lance de punk, mas não necessariamente posando de punks, os Psycho Drops quiseram homenagear os pioneiros do gênero em território brasileiro. Regravaram as músicas "De Ingnorantes" (um original do hoje esquecido Fogo Cruzado) e "Vida Rum" (dos Ratos de Porão, como a inferior também documentada pela primeira vez no álbum-manifesto *Sub*, em 83).

Fiel às influências, o material próprio deste novo quarteto paulista apadrinhado pelo tiá Sérgio Britto também pega na veia. O que torna meio esquisito o passeio que resolveram empreender pelo modismo das fusões reggae-punk-ska com "Coronel Antônio Bento" – desentendida ao mesmo tempo pela banda Jambendola.

A.G.C.D.

DEEP PURPLE
Purpendicular
RCA/BMG-Ariola
Purplossauro e os quarentoes

• O velho carcamidossauro está de volta. E com a formação do início dos anos 70 (quase original, com Steve Morse, ex-Kansas e Dixie Dregs, no lugar de Ritchie Blackmore). A troca não influiu no resultado: este é o melhor trabalho do Deep Purple desde *Perfect Strangers*.

Para usar um termo bem setentista, há uma energia positiva nas canções (vide a alegria esfuziante de "Ted The Mechanic" ou "Somebody Stole My Guitar"). E Tem mais: Gillan continua um grande vocalista e um compositor inspirado. Suas o ego inflado de Blackmore, entrou a versatilidade de Morse.

Não importa que em determinados momentos eles pareçam a si mesmos, como em "Loosen My Strings" (cujo *riff* é chupado de "Perfect Strangers") – ou em "Rosa's Cantina", que tem uma levada semelhante a "Lazy" do álbum *Machine Head*. O produto final é muito bom de se ouvir.

Mas tem um detalhe: *Purpendicular* é um disco feito por coroas que não querem se aposentar e dedicado a quem está chegando aos 30 anos. Tem canções ótimas porém, em 96, é musicalmente irrelevante.

Ivan Mizanzuk

LOS LOBOS
Colossal Head
WEA Music
Rock'n'roll e guacamole

• Mais para *El Mariachi* do que para Cantinflas, Los Lobos lançam agora mais um disco. *Colossal Head* é o oitavo de uma carreira de quase vinte anos que consagrou seu mix de rock, ritmos latinos e blues (ou se preferir, hamburguer, guacamole e uísque). Como o saudoso Living Colour de Vernon Reid, que relembrou que negão não precisa necessariamente *fazer* só balanços, os Lobos se impuseram na selva pop sem apelar para estereótipos.

Colossal Head é mais um apimentado exemplo da saúde musical dos Lobos, que não lançavam disco novo há quatro anos, ocupados com projetos paralelos (Latin Playboys) e trilhas sonoras. Talvez por conta disso, o álbum tenha ares cinematográficos, seja no blues épico da faixa título, no *groove* viajante de "Little Japan" ou no peso chapante de "Mas Y Mas", cantada meio em espanhol meio em inglês e que mostra como seria o Cream se Eric Clapton, Jack Bruce e Ginger Baker fossem mexicanos e tivessem nascido em Guadalajara e um disco colossal. Sem delongas.

Carlos Albuquerque

MONICA
Miss Thang
Arista/BMG-Ariola
Lolita swing beat

• O universo pop está cheio de Lolitas – aquela adolescente sacaninha criada por Vladimir Nabokov para atormentar um professor quarentão. A lista, que já é imensa, ganhou mais uma adesão: a da ninfeta americana Monica.

Aos quinze anos de idade, a menina cata nas graças de Dallas Austin (leia-se Madonna e Boyz II Men), produtor desse *Miss Thang*. Austin encheu o disco com batidas *swing*, samples de rap (há ecos de L.L. Cool J e Sugarhill Gang), baladas de emocionar a turma do *gangsta rap* e letras românticas, feitas para Monique nenhuma botar sua porção Lolita. Como "Don't Take It Personal" – em que ela pede para o namorado ficar um pouco mais e "With You".

Miss Thang ainda tem laxas para balançar o esqueleto – vide "Never Can Say Goodbye", "Before You Walk Out Of My Life" – e uma regravação de respeito – a de "Tell Me If You Still Cares" do S.O.S Band. Uma ninfeta com talento e saudez exatos para balançar os nabokovs do charm.

Sergio Martins

BEASTIE BOYS
The In Sound From Way Out
Grand Royal/EMI-Odeon
Em busca do groove perdido

• Enquanto o sucessor do excelente *Ill Communication* não sai, os Beastie Boys prosseguem preenchendo espaços com este EP. Contudo, mais do que um simples tapa-buraco, *The In Sound From Way Out* é o disco que todo mundo que curtiu as vinhetas, *grooves* e *jam sessions* que rolavam nos dois últimos shows da banda queria ouvir.

Aqui não há espaço para o rap: *The In Sound* é todo composto de faixas instrumentais. Algumas delas são velhas conhecidas dos fãs dos Beastie Boys. Outras saíram de lados B. Completam o disco duas raras e inéditas.

A faixa "Son Of Neckbone", por exemplo, é um prato para colecionadores. Ela saiu apenas na edição japonesa de *Ill Communication*. "Drinkin' Wine", com seu pique alucinado, foi um lado B do mesmo álbum. Já "Pow" (na 3 e "Groove Holmes" vieram direto de *Check Your Head*. Reunidas num único álbum, essas músicas soam perfeitamente entrosadas e são um convite à dança/transe total.

Tom Leão

A faceta alegre de Bobby Smith

Chega de depressão! O líder do Cure agora quer zoar!

• Não é de hoje que o Cure vem extravasando um insuspeitado humor ciclotímico em suas gravações. Se é verdade que esse grupo inglês ganhou fama graças à melancolia que trespassou discos como *Pornography*, *The Top* e *Disintegration*, por outro lado nem mesmo os fãs de carteirinha poderão negar que tais acessos depressivos foram devidamente contrabalançados por manifestações de exteriorização mais alegre. Como a levada pop dos singles "The Love Cats" e "Let's Go To Bed" ou de boa parte dos temas do álbum *Kiss Me Kiss Me Kiss Me*.

Seguindo o mesmo raciocínio, faz sentido que a insalubridade mórbida do anterior *Wish* seja sucedida pelo clima *light* predominante no novo trabalho. Aliás, as tais "oscilações selvagens de humor" a que se refere o título, bem como o palhacinho de pano de rosto cindido estampado em sua capa nada mais são do que as confirmações dessas viradas abruptas, do ir e vir dos afetos desse *clown* paccô-co chamado Robert Smith.

De acordo, a alegria meio apalermada expressa nas letras de "The 13th", "Return" e "Round & Round & Round" combina perfeitamente com o tom burlesco fornecido pelos arranjos com metais. A pantomima existencial prossegue nas paixões que se atropelam em "Strange Attraction", chega às raias da euforia no pique frenético imposto a "Mint Car" e "Return". Mas ao fundo, a miséria pessoal cantada em "Want" e "Babe" parece espreitar nas sombras, à espera da próxima mudança de curso de *Mad Bob*.

Antonio G. Cicero De Oliveira

MARILLION
Made Again
Castle
Complexo de Genesis

● Este duplo ao vivo, gravado em shows na Europa, mostra que o problema do Marillion não é o vocalista de plantão (Steve Hogarth, que entrou no lugar do grandalhão Fish). É seu insuperável complexo de Genesis. Desde a estréia, em 83, com *Script For A Jester's Tear*, que o grupo não consegue imprimir a seu som uma identidade própria. É sempre uma cópia de referências variadas.

Ainda assim, o disco tem momentos audíveis como o hit "Hooks In You" ou a interpretação emocionada de Hogarth em "Runaway". Mas só os afeiçoados terão pique para encarar 140 (!) minutos de virtuosismo, letras estapafúrdias e muita pretensão.

Ivan Miziara

D.FHALA
Top Hits
Cogumelo
Nova grafia, velho estilo

● O tempo alcançou o D Fhala. O grupo que passeou pelo futuro nos anos 80 mudou a formação, mas manteve a contemporaneidade em *Top Hits*, um belo disco de rock para os anos 90. Desta vez, lançado na própria década em que foi concebido.

O D Fhala incorporou com mais intensidade o lado beatle do guitarrista Castor, voltou a ter uma mulher na bateria (a mão pesada Paula Nozzari) e acertou na escolha do *new kid on the block* Tonho Crocco, cheio de personalidade no lugar do quase mitológico Edu K. Flávio Santos (baixo) e Marcelo Formazzier (guitarra) completam o time. Baladas impagáveis – "You", "Sing It Loud", "Love's To Easy" – rocks tradicionais – "69" – funk metal – "Flashback", "Tell Me" – e um apetitoso *funk melody* – "Linha Do Horizonte", do Azymuth –, garantem a qualidade.

Marcelo Ferla

DUB SYNDICATE
Ital Breakfast
On-U-Sound
Comida para o espírito

● Para quem não sabe, *ital food* é um preparado à base de frutas, legumes e raízes. Principal prato da culinária rastafari – a filosofia cultuada por Bob Marley e seus asseclas –, ela não apenas sacia a fome como alimenta o espírito.

Ital Breakfast, o novo álbum do Dub Syndicate – o exército de músicos e DJs comandados pelo superprodutor Adrian Sherwood – segue o mesmo receituário dos rastas. Gravado em Kingston, Jamaica, com bambas dos estúdios locais – entre eles o baixista Flabba Holt, o tecladista Keith Sterling, ex-Peter Tosh, e o decano do saxofone Dean Fraser –, o álbum chegou quase prontinho em Londres. Apenas recebeu alguns temperos como teclados *techno* e muitos efeitos a cargo de Sherwood para deixar a receita mais saborosa.

De posse desses ingredientes, Sherwood nos presentou com faixas como "Throw Down Your Gun", "No Light Weight Sound" – além da faixa-título – esta com um belo solo de Fraser. E vale experimentar o *toast* incrementado de I-Roy, uma espécie de "avô" de Shabba Ranks e Cia. bela para abrilhantar ainda mais este *Ital Breakfast*.

Sergio Martins

ORCHESTRA
Guitar Slinger
Interscope/MCA
Velhice abreviada

● O novo disco da *big band* liderada pelo cabeça do finado Stray Cats quase descamba para o pastiche generalizado. O problema é que a mistura de Glenn Miller e Eddie Cochran perpetrada por Brian e seus asseclas é muito cansativa. Lá pela terceira faixa, o ouvinte já sabe o que vem a seguir: o contrabaixo vocal de Setzer e sua guitarra afiada, emoldurados por naipes de metais equivocados.

As duas únicas faixas que animam um pouco são duas regravações, "The House Is Rockin'" (Stevie Ray Vaughan) e "Rumble In Brighton" – esta uma velha canção dos Cats. Pelo jeito, Brian Setzer está envelhecendo muito mal.

Helio Gomes

Corpo fechado e boca nervosa

● Ele é, literalmente, o bicho solto. 2 Pac Shakur acaba de lançar um disco novo, *All Eyez On Me*, depois de um turbulento período, no qual foi preso, acusado de estupro (e posteriormente absolvido), e vítima de um atentado, nunca bem esclarecido, do qual sobreviveu milagrosamente. Mesmo tendo levado cinco azeitonas de chumbo (sendo que uma na cabeça). 2 Pac tem o corpo fechado.

É bom de papo também. Em *All Eyez On Me*, ele solta o verbo, em raps cheios de peso e balanço, cortesia de uma produção que inclui bacanas como Mr. Chronic, Dr. Dre, mais Johnny J. e Suge Knight, nas horas não vagas dono da Death Row, a mesma de Snoop Doggy Dogg e o próprio Dre.

O álbum tem falação amparada em *grooves* cavalares, inspirados até a alma (soul) na nave mãe do funk, Parliament-Funkadelic. Sua majestade funk, George Clinton, dá o ar de sua graça em "Can't C Me". O álbum ainda tem participações especiais de Snoopy Dogg ("All About U"), do lendário Roger Troutman (no hit "California Love") e dos *top* charmeiros do Jodeci (em "How Do U Want It"). O bicho solto agora só anda bem acompanhado.

Carlos Albuquerque

2 PAC SHAKUR
All Eyez On Me
Death Row Records

KILLING JOKE
Democracy
Zoo/Butterfly
A piada mortal no caos

● Claustrofobia, insegurança, paranóia induzida pela probabilidade de um holocausto nuclear e as mudanças frenéticas a que o mundo vem sendo submetido nessa virada de milênio alimentam a música de *Democracy*, o novo disco do sempre supreendente Killing Joke. A partir do redemonho de emoções provocado pela introdutória "Savage Freedom", Jaz Coleman, Geordie e Youth seguem cada vez mais transtornados, despertando sensações atávicas.

No auge da dramaticidade, "Aeon", "Intellect" e "Absent Friends" bem que poderiam ser a transposição das dantescas telas de Francis Bacon para o rock, mas são apenas a derradeira manifestação de um grupo que persiste nos confrontando com verdades que não julgávamos ser capazes de viver ou tolerar.

Artur G. Couto Duarte

VÁRIOS
Offbeat – A Red Hot Sound Trip
WaxTrax/TVT
A volta dos beatniks

● Último de uma série de lançamentos do projeto Red Hot, com ganhos revertidos para organizações de prevenção à Aids, este *Offbeat* tem como unidade estilística a cultura *beatnik*. Marcado por vinhetas com sonoridades viajantes e sotaques suaves de jazz-pop, o CD parece uma grande *jam session techno*, uma modernizada sessão de poesia, declamação política, fumaça, penumbra e *cool jazz*.

Há desde um manifesto libertário de 65 servindo de letra para a faixa "Black Dada Nihilismus" (de Amiri Baraka e DJ Spooky) até um texto de Jack Kerouac em versão de David Byrne ("It Goes Back"), passando pela voz sampleada do poeta William Burroughs em "Temporally Displaced" ou a sessão *beatnik* do Meat Beat Manifesto ("I Control").

Numa seleção dominada por DJs e seus sons. Mercado Mix (DJ Krush, Moby etc), a revelação é o ótimo grupo Soul Coughing, com a tesão "Murder Of Lawyers". É trilha de festa.

Christian Petermann

VÁRIOS
Not Fade Away (Remembering Buddy Holly)
Decca/MCA
Perversões e sons country

● *Not Fade Away* é só uma tímida amostra da assombrosa criatividade de Buddy Holly. Ironicamente, quem o homenageia não é a facção roqueira, mas sim a corrente country – de quem afinal o texano Holly era seguidor. As canções de Buddy são perfeitas, venham como vierem – mais ainda quando sua antiga banda, The Crickets, reúne-se para acompanhar "Well ... All Right", com Nanci Griffith, e "Not Fade Away", com The Band. Waylon Jennings canta a obscura "Learning The Game", estragada por Mark Knopfler. Los Lobos pervertem – bem – "Midnight Shift" e o próprio Buddy aparece na gravação original de "Peggy Sue Got Married", vertida – meio para o mal – pelos Hollies. Mas vence a modernidade de Holly.

Pedro Alexandre Sanches

SOMBRINHA E ARLINDO CRUZ
Da Música
Velas
Comercial sem apelar

● O samba tem palavras quedas. Uma delas é lenitivo, que aparece em "Não Fique A Se Torturar" entre muitas outras do gênero. Consultando o Aurélio, lê-se que o dicionarista escolheu este trecho para abonar a palavra. "Não há dor que não receba da grande Música certo lenitivo". Perfeito para definir *Da Música*, da dupla Sombrinha e Arlindo Cruz.

Nada como deixar rolar os partidos, as rodas de samba e as canções desta parceria que vem dos tempos do bloco Cacique de Ramos e do Fundo de Quintal. Os dois fizeram um disco que, mesmo comercial, não apela.

Álvaro Costa e Silva

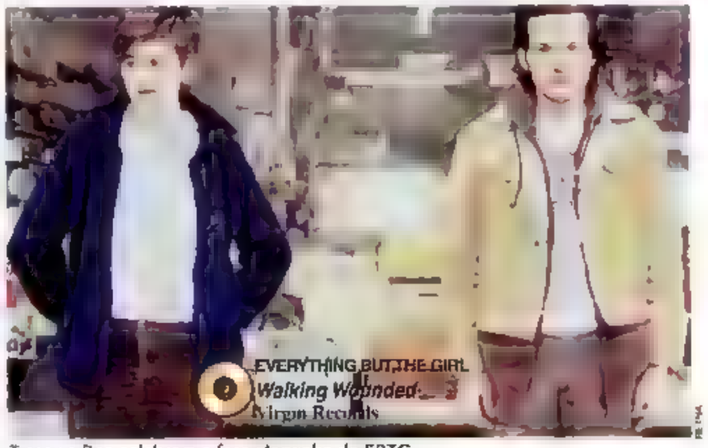
Bossa alegre para dançar

● *Walking Wounded* marca a volta às paradas de sucesso e capas de revistas do Everything But The Girl. Em 92, uma tal de Síndrome Churg-Strauss quase acabou com a brilhante carreira da dupla, ao consumir os intestinos e o estômago de Ben. Enquanto o marido se recuperava, Tracey garantiu a satisfação de seus fãs colaborando magnificamente com o Massive Attack em *Protection*. O começo da volta foi marcado pelo estouro do remix de "Missing" (feito por Toddy Terry) e as boas críticas a *Amplified Heart*, de 94.

O novo álbum mostra com sutileza o amadurecimento musical e sentimental de Tracey e Ben, reflexo dos tempos difíceis vividos pelo casal. Talvez, por isso mesmo, seja o disco mais feliz – em todos os sentidos – do E.B.T.G. Tudo é perfeito: a aproximação com o *techno* e a dance sem cair no bate-estaca, a batida jungle (que às vezes se aproxima da sonoridade do samba), o baixo sempre espetacular, a suavidade das composições, a voz (e que voz!) de Tracey e as colaborações de Howie B. (Massive Attack) e Spring Heel Jack.

Produzido e programado por Ben (à exceção de "Walking Wounded" e "Flipside", de Spring Heel Jack e Howie B.), o álbum também é cheio de possíveis hits para as pistas mais modernhas.

Claudia Grecchi



Tracey e Ben celebram a fase alegrinha do EBTG

VARIOS
Clockers
MCA
Negritude explícita

● Nem o elenco de astros parece ter salvado o filme de Spike Lee das severas críticas que recebeu. A trilha, contudo, oferece timbres e ritmos de negritude explícita. Chaka Khan vai bem na balada "Love Me Still", Des'ree mostra afinação e muita personalidade na acústica "Silent Hero" e Seal pesa a mão com seus efeitos e climas exagerados.

O rap marca presença com Strictly Difficult e o Rebelz Of Authority. Branford Marsalis também comparece colocando sua banda de *jazz rap* Buckshot LeFonque na jogada. Os melhores momentos, contudo, ficam com os vocais ragga de Mega Banton e do próprio Rebelz em "Sex Soldier". Banton vai mais longe com sua voz potente, dá ao ragga um clima de Cotton Club dos anos 30. *Paulo Vieira*

VÁRIOS
The Truth About...
(A&M/PolyGram)
Alto astral

● A trilha da comédia *Irmãs De Cães E Gatos* tem uma seleção caprichada, com faixas saborosas de Sting – que moderniza a *policeana* "The Beg's Too Big Without You" com vocais ragga de Ranking Roger. Há deleites para os fãs de jazz e blues a cargo de Dione Farris e Blues Traveler. Outros sons suaves e swingados são obtidos nas vozes de Al Green ("Give It Everything") e Aaron Neville ("I Can't Imagine"), enquanto a dança está garantida com o Brand New Heavies ("I World Keeps Spinning"). Os pontos altos, porém, ficam com Cowboy Junkies e Paul Weller, com baladas antológicas ("Angel Mine" e "You Do Something To Me"). Muito superior ao filme, em cujo elenco destaca-se a loiraça Uma Thurman, a trilha é uma delícia. *Christian Petermann*

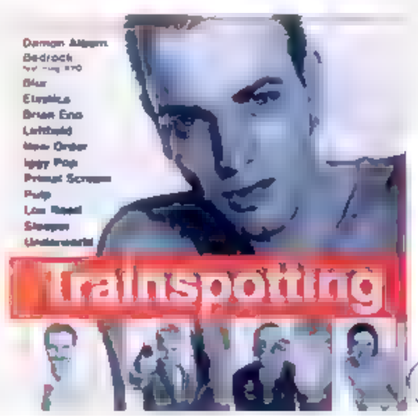
Rock e drogas de 72 a 96

● Se o filme inglês *Transpotting* vem causando furor com sua fauna de *junkies*, psicopatas e ladrões, a trilha sonora não chega a tanto. Trata-se de uma coletânea, com uma ou outra faixa inédita, que abrange o período 1972-1996 sem ter muito a dizer. OK, a compilação em si é explosiva (apesar de um tanto quanto óbvia): Iggy Pop com "Lust For Life" e "Nightclubbing", ambas de 77; Lou Reed na clássica e melancólica "Perfect Day" (72) – recém-transformada em lixo por *cover* de Duran Duran –, perfeita para emoldurar as cenas pesadas de uso de heroína. Brian Eno em "Deep Blue Day" (83), chatíssima, New Order em "Temptation" (87).

A ponte entre a velha guarda e contemporâneos se dá no *remix* retrô da pérola new wave "Atomic" (80), do Blondie. Aí vêm os moderninhos. Primal Scream (na faixa-título, legalzinha mas quadrométrica), o neo-Blondie do Elastica, *techno* e clímax de Bedrock, KYO, Leftfield, Underworld.

Damon Albarn aparece em versão solo (na valsinha inédita "Closet Romantic") e com o Blur. A bela "Sing" (90), gravada pela banda inglesa antes da fama e influenciada por Velvet Underground e Sonic Youth, expõe a indecisão da banda, que só agora parece ter se encontrado nos Beatles, lado a lado com os primos de oba-oba do Oasis. Mas é justo da cena inglesa que surge a melhor novidade: "Male End", nova faixa do Pulp, tão criativa e divertida quanto tudo no último disco da banda. Não por acaso, fica ao lado da obra-prima de Lou Reed.

Pedro Alexandre Sanches



VÁRIOS
Trainspotting
Premier/EMI-Odeon

RÁPIDO & RASTEIRO

A seção deste mês é dedicada ao reggae, bom e velho chachundum jamaicano. A coletânea **A Hora Do Reggae** (Yellow Records) traz quatro bandas, duas cantoras e um cantor de São Paulo. Há *covers* – "Meia Lua Inteira", de Carlinhos Brown, "Todo Día Era Dia De Índio", de Jorge Ben Jor –, homenagens rasteiras a John Lennon (a cargo da banda Massa Quente), mas não há nada que ilumine o seu Jah. Outro grupo que fica no meio do caminho é o **Bantus**. Seu homônimo disco de estréia, lançado pela Indie Records, traz gente boa como Fernando Vidal (da banda de Fernanda Abreu) e composições até que interessantes – vide "Fica". Pena que as letras "de conscientização", as composições que balançam entre reggae e pop descartável, além da heresia de chamarem o lendário grupo Skatalites de "Skytelites", comprometem uma banda que se autodenomina "de reggae". Melhor ficar com **Fauzi Beydon & Tribo De Jah**, que lançaram este **Roots Reggae** (Indie Records). A Tribo lembra os *amish*, aquela seita reclusa que aparecia no filme *A Testemunha*, com Harrison Ford. Fazem um reggae dos anos 70, com muita louvação a Jah e outros bichos. Mas pelo menos ele sai legal, com baixo e bateria bem marcadinhos, na medida para se dançar junto. As letras são próprias dos regueiros do Maranhão, de onde vem a banda. Reclamam da probreza ("Regueiros Guerreiros") e da exploração ("Babylon System", "Magnatas E Regueiros"). O reggae nacional ainda ganha **André Derizans** e seu **Reggae Train** (Castle). O disco teve participação de Junior Marvin (The Wailers), Yellowman, além do próprio Pato. Mas, se musicalmente André faz tudo certinho, com boas batidas de *raggamuffin* e dancehall, ele peca pelos vocais fracos. Fechando o pacote, tem a coletânea **Scorreggae** (Sony Music). Não é nenhuma Brastemp, porém temos Diana King (e sua interpretação da *marlevana* "Sur It Up") e Maxi Priest soltando os bichos em "Sexual Healing" de Marvin Gaye. *Sergio Martins*

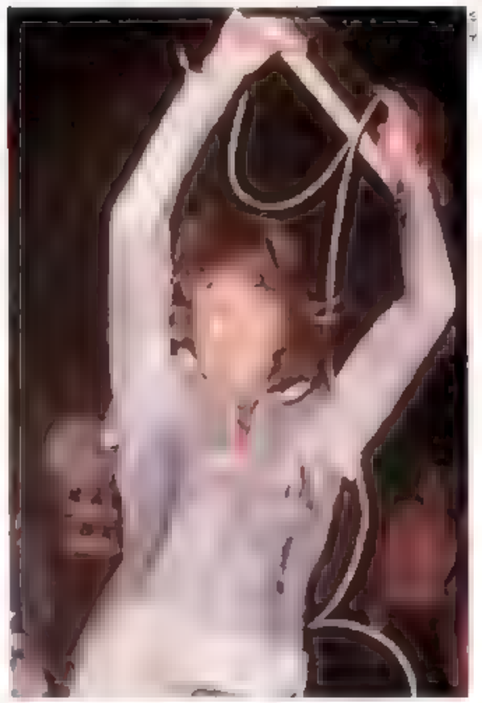
Bolsa de discos

		Carlos Albuquerque	Claudia Gracchi	Erica Ariel	Hagamenon Brito	Jimi Joe	Marcio Pinheiro	Pedro A. Sanches	Ricardo Alexandre	Sergio Martins	Zeca Camargo
8,0	CHICO SCIENCE & N. Z. *Afrociberdelia* *Sony Music*	9	9	7	8	8	6	7	10	8	8
8,0	MUNDO LIVRE S/A *Guentando A Ôia* *Excelerate/PolyGram*	9	8	7	9	7	8	9	7	8	7
6,3	RAY CHARLES *Strong Love Affair* *WEA*	7	7	•	•	6	5	8	•	7	•
6,1	RAGE AGAINST THE MACHINE *Evil Empire* *Sony Music*	6	8	8	7	8	3	3	8	5	5
5,5	THE TEAHOUSE BAND *Remedy* *BMG-Ariola*	5	•	8	5	6	•	5	7	1	7
5,0	KID ABELHA *Meu Mundo Gira...* *WEA*	•	•	•	8	2	6	6	3	4	6
4,6	CRANBERRIES *To The Faithfull Departed* *PolyGram*	3	3	6	6	7	4	4	4	4	5
3,7	LIONEL RICHIE *Louder Than Words* *Polygram*	3	•	•	4	6	6	5	0	4	2
3,4	BABA CÓSMICA *Garoroba* *Nanetha*	•	6	•	4	0	•	0	0	7	7
2,4	ANGRA *Holyland* *Eldorado*	•	•	5	•	1	4	2	0	•	•

CD's • VHS
LD's
SEMPRE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA, EUROPA E JAPÃO
LONDON CALLING
RARIDADES DE: U2 • CURE • • MADONNA • METALLICA • • ZEPPELIN • ROXETTE • E TODOS OS ESTILOS
A MAIS COMPLETA EM NOVIDADES E RARIDADES
ENVIAMOS PARA TODO PAÍS. ACEITAMOS CARTÃO
TEL-FAX: (011) 223-5300
RUA 24 DE MAIO, 116 RUA ALTA - LOJA 15 - CEP: 01041-000 - CENTRO - SP

SWEET JANE
ROCK RECORDS
(011) 288-4847
fone/fax
LANÇAMENTOS RECENTES
LANÇAMENTO DE CAIXAS (BOX SETS)
AEROSMITH
DAVID BOWIE
JETHRO TULL
KING CRIMSON
LED ZEPPELIN
MOTÖRHEAD
RENAISSANCE
ROLLING STONES
AV. PAULISTA, 726 Loja-9 - São Paulo - SP

delírio progressivo S/A


O tecladista virtuose e doidão Keith Emerson circa 72

Esses caras fazem a gente lembrar que música boa não envelhece: **EMERSON, LAKE & PALMER** - nos anos 70, era mais ou menos comum as superbandas levarem o sobrenome dos sócios, que nem uma empresa. Mas, convenhamos, eles tinham mesmo que assinar embaixo: eram três peles.

Agora, de uma tacada só, estão chegando às lojas seus melhores trabalhos: **Emerson, Lake And Palmer** (70), **Pictures At An Exhibition** (71), **Tarkus** (71), **Trilogy** (72) e **Brain Salad Surgery** (73), todos remasterizados.

Ainda que você concorde que o som do ELP continua moderno – e também dependendo muito do ano em que você nasceu – vai ser difícil evitar um porre de nostalgia ouvindo "From The Beginning", "Take A Pebble", "Lucky Man" ou uma daquelas viagens semi-eruditas, hinos dos anos 70, como "Jerusalem", "Tarkus", "Toccata", "The Barbarian" e a releitura lisérgico-eletrônica de *Pictures At An Exhibition*, de Mussorgsky.

O legal é que havia um mito atrás dos caras. Sobre Keith Emerson, diziam que tocava seu Hammond de olhos vendados e com uma lâmina entre cada tecla. E aquele sintetizadorzinho, o moog, falavam que havia sido inventado por ele. Nas pesquisas de revistas e jornais especializados, não dava outra: Carl Palmer, o melhor baterista do mundo. E ainda tinha as letras de Greg Lake, aquele papo-cabeça que agora, ouvindo de novo, a gente saca que tinha e continua tendo tudo a ver, bicho. Como em toda boa história de heróis, eles nunca mais foram os mesmos. Mas isso não faz a menor diferença.

Otavio Rodrigues

Hard rock que Proust explica

O vocalista brega-dramático David Byron, um dos destaques do pacotão do Uriah Heep

Cada um tem a madalena que merece. A sua pode estar escondida dentro de um dos cinco primeiros discos do **URIAH HEEP**. Eles estão sendo regurgitados agora em edições caprichadas, com textos informativos, letras diário-de-um-mago e faixas-extras. O grupo nunca foi lá essa maravilha. Mas quem gosta de rock'n'roll já foi seduzido por algum dos bons momentos produzidos pelo quinteto inglês.

Sim, eles existiram e foram muitos. **Demons And Wizards**, o quarto álbum, concentra a maior parte deles. "Easy Livin'", "Paradise" e "The Spell" estão nele, junto com as interpretações brega-dramáticas de David Byron, os solos ordinários do guitarrista Mick Box, o Hammond onipresente de Ken Hensley e o baixo gordo de Gary Thain. **Look At Yourself**, terceiro disco, também é recomendável: quem já ouviu "July Morning" viajando com as luzes do quarto apagadas vai se lembrar de muita coisa que não fez. **Salisbury**, o segundo disco, também evoca recordações quando os metais atacam na *loooonga* faixa-título.

Magician's Birthday, quinto álbum, não é de se jogar aos gnomos. Mas, se é para recordar, o primeirão, **Very 'Eavy, Very 'Umble**, é mais jogo: traz "Gypsy" e o belo mellotron de "Come Away Melinda". Os tempos são outros: o hard rock ruim de 72 é melhor do que 98 % do Soundgarden. Ai ai... *Pedro So*

A volta da camarilha dos quatro

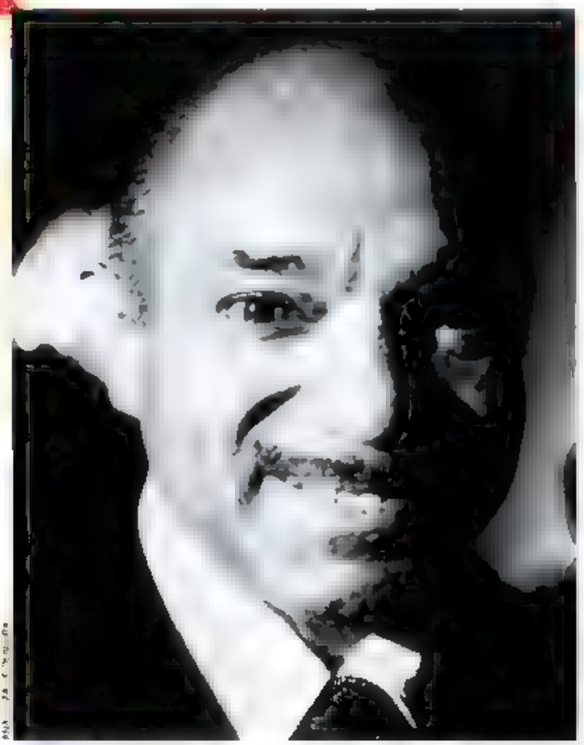
Egressos do campus universitário de Leeds, Jon King (vocal), David Allen (baixo), Andy Gill (guitarra) e Hugo Burnham (bateria) encorpavam toda a agenda socio-política e a abrasão sônica que setores do pós-punk inglês – Pop Group, The Mekons, Au Pairs etc – ansiavam explorar, no fim dos 70. Mas se a passagem do tempo foi cruel para com seus camaradas de ideologia, o mesmo não pode ser dito da **GANG OF FOUR**, que ressurge agora tão energética quanto antes através da reedição de seus três primeiros álbuns.

Entertainment (79) ainda desconcerta: há pegadas de guitarra entre o pontilhismo raivoso e o mais puro *feedback*, bases rítmicas espásticas, pressão e panfletagem explícita, além da oportuna presença do raro **Yellow EP** a título de bônus.

A ação impactante da banda não cede milímetro sequer em **Solid Gold** (81), que reafirma sua contumaz dissecação do consumismo e da alienação em faixas como "Cheeseburger", "A Hole In The Wallet" e "What We All Want", reforçado pelo material extra do EP **Another Day Another Dollar**.

Já **Songs Of The Free** (82) introduz preocupações melódicas e um maior apelo funky, mudanças debitadas à troca de Allen por Sarah Lee (ex-The League Of A Gentleman, banda do guitarrista Robert Fripp). Algo que não impediu a "camarilha dos quatro" de zoar os tímpanos em "Call Me Up", "It Is Not Enough" e "Life's It's A Shame".

Arthur G. Couto Duarte



Lupicinio Rodrigues recheia quatro CDs com o melhor da tristeza

gozo de cotovelo

● Pouco é chamar o gaúcho **LUPICÍNIO RODRIGUES** (1914-1974) de filósofo da dor-de-cotovelo. Conforme mostra a coletânea homônima do selo Revivendo, de Curitiba, o tema da traição ganha as mais variadas nuances na obra de Lupi, chegando até mesmo ao gozo de cotovelo. Indiferença, saudade, nostalgia, ódio, vingança, suicídio, todos os dramas humanos são reelaborados em guarânias, sambas-canções, rancheiras, valsas e sambas.

Se São Paulo foi chamado por Vinicius de "túmulo do samba", imagine-se Porto Alegre dos anos 30: um sepulcro caiado da milonga em que samba não entrava nem defunto. Pois foi naquela mediocridade asfixiante que Lupi começou a pensar como Noel Rosa, em 1932, ano em que o "Poeta da Vila" visitou a capital gaúcha. Seus primeiros sambas gravados saíram em 1936 na voz do boêmio e parceiro Alcides Gonçalves: "Pergunte A Meus Tamancos" e "Triste Historia". Eram musicas alegres.

A amargura viria a tingir sua inventividade a partir de então. A obra de Lupi pode ser descrita como um lento e imenso crepusculo, em que o sol do samba vai cair no horizonte austral do tango. Todos os grandes cantores da época gravaram as cotoveladas lupicianas. O melhor cantor foi o próprio Lupi, dengoso feito Mario Reis. A compilação alenta o derrotado amoroso e, principalmente, encanta o apreciador da fase áurea da MPB.

Luís Antônio Giron

Para o pop nacional conferir

● **Tinha de ser uma caixa. Mas este CDzinho duplo da série Mitos & Músicas com JACKSON DO PANDEIRO (1919-82) já é um bom começo. Skank, Raimundos, Chico Science e Mundo Livre bem que podiam aproveitar e escarafunchar o maravilhoso repertório deste intérprete genial para dar um pluszinho nos seus.**

Os Paralamas, patronos dessa turma, fizeram isso em *Bora Bora*, recriando o clássico de arquibancada "1 x 1". Agora, mais do que nunca, é chegada a hora de redescobrir Jackson e seu descomunal senso rítmico: a essência da paraibescência, a tal da nordestinidade que hoje refresca, de Lenine a Angra, a nova música brasileira. Este O Melhor de mente no nome, mas vale porque inclui "Chiclete Com Banana", "Cantiga do Sapo" e "Forró Na Gafieira", três momentos arretados do mulato miúdo nascido em Alagoa Grande, no brejo paraibano. Faltam "Forró Em Limoeiro", "Cremilda", "O Canto da Ema", "Sebastiana" e outros xotes.

Menos mal que o segundo CD (gravado em 81, por *lobby* e influência de Fagner) desta dobradinha traz os versos do poeta e cantador PATATIVA DO ASSARÉ, 87 anos de Cariri e de sabedoria cearense sem-terra.

Pedro Só

Jackson faz da embolada uma arte

Isaac Hayes, compositor de resposna, autor de trilhas como *Shaft*, tem sua carreira resgatada numa coletânea esperta

Crioulo maravilha

● **ISAAC HAYES**, 53 anos, a maioria deles dedicados a nos encantar com melodias inesquecíveis, de vez em quando cai nas graças dos selos brasileiros. Depois da dobradinha *Branded/Raw And Refined* chegar às lojas via Virgin Records, a BMG-Ariola lança este **Greatest Hits Singles**.

OK, é certo que, para muita gente, Isaac não é mais do que "aque e cara com vozeirao à la Barry White". Nesses casos, um pouco de história não faz mal a ninguém. Hayes foi um dos compositores de ponta da Stax, gravadora especializada em música negra, concorrente da Motown. Otis Redding e Sam & Dave já gravaram musicas suas e o negão faturou um Oscar pela trilha sonora de *Shaft* – lembra? Ela foi usada até em programa da Rede Globo.

Greatest Hits Singles tem tudo isso e mais um pouco. Mostra o poder de fogo de Hayes como intérprete, em canções como "By The Time I Get Tho Phoenix" – do compositor Jimmy Webb, que escrevia para Frank Sinatra e Donna Summer –, "Walk On By" e "The Look Of Love" (Burt Bacharach) e "Let's Stay Together" (A. Green). Ah, claro. O disco também inclui "Shaft".

Sergio Martins

Declare guerra

● Há cerca de um quarto de século, num momento em que paz e LSD eram as palavras de ordem, um punhado de negros de Los Angeles decidiu montar um conjunto. Deu-lhe o incômodo nome de **WAR**, mesmo não tendo uma musica ou propósitos exatamente belicosos. Misturando percussão latina a uma guitarra legitimamente funk, pianos elétricos, metais marcados como na soul music e longas introduções instrumentais, abriu caminho para um som original, reproduzido à farta por outras bandas mais adiante.

O War tem agora uma **Anthology** lançada no Brasil. É uma ótima oportunidade de ajustar as contas com um grupo que rendeu tantos *riffs* e frases musicais para grupos de disco e rap. A compilação traz dois clássicos do War com o ex-vocalista do Animals, Eric Burdon: "Spill The Wine" e "Tobacco Road". "Spill..." mereceu até uma versão para pistas. O hit "You've Got The Power", de 82, dá até para creditar ao KC & The Sunshine Band. Mas tem faixas poderosas como o funk básico "Heartbeat" e a indolência deliciosa de "Summer". Quem quiser saber como se faz funk, soul e mesmo blues deve correr às boas casas do ramo.

Paulo Vieira

EDITORA ABRIL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

SET: Cinema e Video
SHOWBIZZ: Rock, Pop e Comportamento
CONTIGO: TV, Gente e Atualidades
INTERVIEW: Entrevistas e Reportagens
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

UAU: Idolos da Juventude
CARICIA: Comportamento Adolescente
BOA FORMA: Beleza, Fitness e Saude
HOROSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem Natureza e Ecologia
SAUDE É VITAL: Prevenção e Saude
VIAGEM E TURISMO

Arquitetura e Decoração

A&D: Arte e Decoração

Guias e Anuários

HORÓSCOPO ANUAL
GUIA DE VIDEO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel: (011) 867-3000 Fax (011) 867-3300 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Presidente Wilson 231 - sala 2503 - Castelo - Rio de Janeiro - CEP 20030-021 - Caixa Postal 4816 - Tel: (021) 532-0313 - Fax (021) 532-1488/532-1583

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio II - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel: (061) 321-0305 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
Fortaleza: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 - sala 103 - CEP 60050-000 - Fortaleza/CE - Tel: (085) 254-1666 Fax: (085) 231-4761
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Av. Contorno, 8000 - sala 1101 - Ed. Wall Street - CEP 30110-907 - Belo Horizonte/MG - Tel. e Fax: (031) 291-6470
Paraná: M.L.C. Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara 160 - 9º andar - sala 929 - CEP 20020-080 - Telefax: (021) 220-3762
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel: (051) 229-9528 - Fax: (051) 217-1005
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel./Fax: (048) 232-0519
Vitória: Duarte Propaganda e Marketing Ltda. - Rua Fábio Rusch, 42 A - Bento Ferreira - Espírito Santo - Telefax: (027) 324-1174

Eldorado - Depto. de Vendas
(011) 277 5500 - Ramal 300

RESULTADO DA PROMOÇÃO

MIZUNO E VOCÊ EM ATLANTA

AQUI ESTÃO OS GANHADORES DA PROMOÇÃO MIZUNO

Ganhadora da Viagem Para Atlanta

Viviane Veronezi
São Paulo - SP

Ganhadores dos Kits

PEDRO ANTONIO DELBONI
Ba xo Guandu - ES
MICHELLI RAQUEL GODOTTI
Rodeio - SC
SINTIA FERREIRA MACIEL
Manaus - AM
ANDRÉ LUIZ DOS SANTOS
Santo Antonio do Pinhal - SP
CARLOS HENRIQUE B. DA SILVA
Corumbá - MS
APARECIDO DONIZETTI CAMARGO
Vista do Alto - SP
EVERALDO SANTANA RODRIGUES
R o de Janeiro - RJ
ADRIANA DE SÁ LOPES
Brasília - DF
PRISCILA CRISTINA VIEIRA DE LAURENTIS
Valinhos - SP
RENATA MARINS VITAL
Ubatuba - SP

REVISTA ACTION BIZZ

MIZUNO
O ESPORTE EXIGE

O rock como forma de arte

● Um dos segredos mais bem guardados do rock americano dos anos 60 acaba de ser revelado com a edição simultânea de três CDs que cobrem a história completa de dois dos melhores grupos de São Francisco. **THE VEJTABLES** e **THE MOJO MEN** pertenciam ao *cast* da modesta gravadora Autumn Records, pela qual lançaram respectivamente os álbuns **Feel... The Vejtables** e **Whys Ain't Supposed To Be – The Autumn Sessions.** Os Vejtables, centrados na sua baterista e vocalista Jan Errico, evoluíram do *folk-pop* de qualidade para um rock de garagem desafiador e arrogante, enquanto que The Mojo Men era uma banda de rhythm and blues, no estilo Stones/Animals, produzidos (assim como The Vejtables) por Sly Stone.

Em 66, os Vejtables implodiram: Jan Errico se integrou ao Mojo Men, provocando uma mudança radical no som da banda, conforme mostra o álbum **Sit Down It's The Mojo Men.** Com o envolvimento do *golden boy* da Warner, Van Dyke Parks, e ainda Lenny Waronker, Nick De Caro, Les Brown Jr. e outros figuraças, o grupo atingiu o vertice do rock mesclado às orquestraçoes extravagantes, vocais refinadíssimos e intricados arranjos calcados nas guitarras – gênero que se convencionou chamar de *art rock.* *RENÉ FERRI*

COMPRE E RECEBA
PELO CORREIO
TEL.: (011) 299-7478

CAMISETAS
ESTAMPA FRENTE E COSTAS
COSTAS COM ESTAMPA DIFERENTE
MANGA CURTA (TE)
MANGA LONGA (LTE)
TAMANHOS P, M, G
SEJA UM REVENDEDOR DA STAMP
SOLICITE INFORMAÇÕES POR TELEFONE OU CARTA

VENHA CONHECER NOSSA LOJA NA GALERIA DO ROCK
AV SÃO JOÃO 439 - 2º AND. - LJ. 337 - SÃO PAULO - SP - TEL. (011) 222-9984

PREÇOS
MANGA CURTA (TE) R$ 22,00
MANGA LONGA (LTE) R$ 26,00

NA COMPRA COM CARTÃO DE CRED TO OU CHEQUE
GANHE 10% DE DESCONTO
NOS PREÇOS ACIMA

COMO FAZER SEU PEDIDO
ENVIAR PELA SEGUINTE FORMA DE PAGAMENTO
TOTAL DA COMPRA R$

REF	TAM	MOD	REF	TAM	MOD

NOME
END
CEP CID EST

ENVIE O CUPOM ACIMA PARA STAMP
RUA HELIODORA 321 CEP 02022 051 SÃO PAULO SP

Enjoy it

FOSFORESCENTE
Para os desajeitados não errarem a mira no escurinho
R$ 3,95

NA MIRA
Com essa, não tem como errar o ponto G
R$ 2,55

ALIENÍGENA
*Indicada para transas bizarras e intergaláctica*s
R$ 2,55

CÓSMICA
Vermelha do jeito que a diaba gosta
R$2,55

BABE
Para fazer uma lambança ou comemorar o título do Verdão
R$ 2,55

vestindo a camisa

Divertidas, saborosas, brilhantes, necessárias nojentas... tem camisinha para todos Vista a sua e vá fundo!

Como bem disse Ferreira Gullar em "Borbulhas de Amor", "para em seu límpido aquário mergulhar..."
R$ 2,55

CIRCULADÔ DE FULÔ
Para flores, florzinhas e frosôs desabrocharem
R$ 2,55

GELATINA
"Abra a boca, e Royal!"
R$ 2,55

ONDE ACHAR:
• **PONTO G**
Rua Amaral Gurgel, 208, São Paulo, fone: (011) 223-6185
Rua Bernardino de Campos, 300, Sao Paulo, fone: (011) 884-8870
[illegible]
Estrada Jacarepaguá, 7555, sala 824.
[illegible]
BOAS COMPANHIAS
Av. Pedro Adams Filho, 5712, loja 10
Novo Hamburgo (RS), fone: (051) 593-2974
[illegible]
Rua João Paulo, 666, 2º andar, loja 12-B.
Belo Horizonte, fone: (031) 212-6057
SEX SHOP
Rua Bem-te-vi, 29 Recife,
fone: (081) 435-7137 Ramal 22

BOQUINHA NA GARRAFA
Para embriagar os sentidos, nos sabores. Pina Colada, Amaretto, Strawberry Daiquiri e Banana Daiquiri
R$ 1,75

PRISMA
Para uma amizade colorida, a camisinha vai mudando de cor conforme o seu grau de excitação
R$ 0,95

[illegible]
"Beelzebub has a devil put aside for me, for me, for MEEEEEE!" (Freddie Mercury em "Bohemian Rapsody")
R$ 2,55

ALGUMAS CAMISINHAS DIVERTIDAS SERVEM COMO ESTÍMULO PARA O USO DE PRESERVATIVOS COMUNS, NÃO PREVENINDO DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS COMO A AIDS

Chegou a Série Ouro da Revista Olímpica com uma premiação da pesada.

Recorte o cupom e deposite nas caixas ou agências dos Correios. Não precisa selar.

Na Série Ouro são 50 Gol 1.6 Atlanta, 10 por domingo.

5 caminhões cheios de prêmios, 1 por domingo.

E, no último sorteio, dia 18 de agosto, serão 10 apartamentos (no valor de R$ 45 mil cada) com 1 Parati 1.6 Atlanta na garagem.

Sorteios no Domingão do Faustão.

À venda nas bancas, Correios e lotéricas. Quanto mais Revista Olímpica você comprar, mais chances tem de ganhar.

Apenas R$ 3,00.

COB BRASIL

Teste

Que espécie de MUTANTE é você?

Confira seus conhecimentos sobre o grupo de Rita Lee, Arnaldo Baptista e Sérgio Dias

1 *O embrião dos Mutantes surgiu em 63, num show no Teatro João Caetano, São Paulo, que reuniu uma banda que tinha em sua formação Rita Lee e outra com Arnaldo Baptista. As bandas de Rita e de Arnaldo eram, respectivamente:*
a) Teenagers Singers e Wooden Faces
b) Teenagers Mutants e The Blues Brothers
c) Six Sided Rockers e Baby Faces
d) Teenagers Mutant Ninja e Iron Faces
e) Os Seis e Sad Trio

2 *O nome Mutantes, tirado de um obscuro livro que Arnaldo leu, foi usado pela primeira vez numa apresentação num programa de TV. Nome do livro e do apresentador do tal programa:*
a) *Caminho Das Borboletas* e Hebe Camargo
b) *Mutantes Hippies* e Flavio Cavalcanti
c) *O Planeta Dos Mutantes* e Ronnie Von
d) *Mutantes Psicodélicos* e Silvio Santos
e) *Mutantes Cósmicos* e Serginho Groisseman

3 *Em 67, Os Mutantes acompanharam um grande nome da MPB num dos festivais da TV Record. A música e o cantor eram:*
a) "Sem Lenço, Sem Documento" e Caetano Veloso
b) "A Banda" e Chico Buarque
c) "Para Não Dizer Que Não Falei Das Flores" e Geraldo Vandré
d) "Domingo No Parque" e Gilberto Gil
e) "Ponteio" e Edu Lobo

4 *Um baixista que anos mais tarde se tornaria famoso como produtor entrou para o grupo em Mutantes e seus Cometas No País Dos Baurets (72). Seu nome é:*
a) Memê
b) Ezequiel Neves
c) Carlos Eduardo Miranda
d) Ronaldo Lema, o Dinho
e) Liminha

5 *Os Mutantes participaram como convidados de três discos de grandes nomes da música nacional, em 66, 67 e 68. Eles são:*
a) Roberto Carlos, Caetano Veloso e Nana Caymmi
b) Wanderléia, Gilberto Gil e Tom Zé
c) Vanusa, Erasmo Carlos e Gal Costa
d) Ronnie Von, Caetano Veloso e Gilberto Gil
e) Sérgio Reis, João Gilberto e Cauby Peixoto

6 *Depois que Rita Lee deixou os Mutantes, em 73, o grupo continuou com essa formação:*
a) Sérgio Dias, Rui Motta, Paul de Castro e Luciano Alves
b) Sérgio Dias, Arnaldo Baptista, Liminha e Antonio Peticov
c) Sérgio Dias, Arnaldo Baptista, Dinho e Luciano Alves
d) Sérgio Dias, Liminha, Sinhá e Eduardo Araújo
e) Sérgio Dias, Roberto de Carvalho, Lee Marcucci e Wander Taffo

7 *Em 76, Rita Lee, grávida, foi presa, julgada e condenada a um ano de prisão domiciliar. A causa do enquadramento foi:*
a) porte de coca-na
b) porte de armas
c) porte de maconha
d) atentado ao pudor
e) um show contra a ditadura militar

8 *Depois dos Mutantes, Arnaldo Baptista montou outro grupo e lançou um disco. A banda e o LP lançado por Arnaldo são:*
a) Patrulha do Espaço e *Arnaldo & A Patrulha Do Espaço*
b) Baba Cósmica e Gororoba
c) Tutti Frutti e *Tudo Foi Feito Pelo Sol*
d) Arnaldo e Seus Blue Caps e *Loki?*
e) Cabrinas e *Ando Meio Desligado*

9 *Rita Lee saiu dos Mutantes por:*
a) saco cheio
b) falta de grana
c) o machismo dos irmãos Baptista, que não a deixavam expandir sua atividade musical
d) seu casamento com Roberto de Carvalho
e) uma gravidez de cinco meses

10 *Na época de Mutantes, Rita Lee costumava incorporar um personagem. Seu alter-ego era...*
a) Dr. Alex
b) o Negro Gato
c) Medéia, a bruxa
d) o cachorro Aníbal
e) Monalisa

11 *Em 71, os Mutantes viveram em comunidade. Ela ficava...*
a) em Arembepe
b) em Trancoso
c) na Serra da Cantareira
d) em Maua
e) em Trindade

12 *Em 69, os Mutantes tocaram numa famosa casa de espetáculos de uma capital européia. Elas são, respectivamente:*
a) Marquee, Londres
b) Olympia, Paris
c) Bulldog, Amsterdam
d) Hippodrome, Paris
e) Brixton Academy, Londres

13 *O disco-tributo aos Mutantes* Triângulo Sem Bermudas *traz alguns grupos famosos do rock nacional. Entre eles estão...*
a) Kid Abelha, Barão Vermelho, Pato Fu e Planet Hemp
b) Legião Urbana, Titãs, Raimundos e Skank
c) Barão Vermelho, Paralamas, Cidade Negra e Teahouse Band
d) Kid Abelha, Sr. Banana, Pato Fu e Angra
e) Bamda Mel Gerasamba, Negritude Junior e Só Pra Contrariar

14 *Em 70 e 72, ainda nos Mutantes, Rita Lee lançou dois discos solo. Eles são.*
a) *Atrás Do Porto Tem Uma Cidade* e *Fruto Proibido*
b) *Build Up* e *Hoje É O Primeiro Dia Do Resto De Sua Vida*
c) *A Divina Comédia Ou Ando Meio Desligado* e *Jardim Elétrico*
d) *Tudo Foi Feito Pelo Sol* e *Build Up*
e) *Hoje É O Primeiro Dia Do Resto De Sua Vida* e *Entradas & Bandeiras*

15 *Os Mutantes terminaram em...*
a) 69
b) 70
c) 75
d) 69 duplo
e) 79

O dia em que Van Halen Kiss

Gene Simmons entrega: Eddie Van Halen estava louco pra botar a língua de fora

"Durante as gravações de *Creatures Of The Night*, em 82, Eddie entrou no estúdio e se ofereceu pra tocar na banda. Ele não aqüentava mais tocar com Dave Lee Roth", comentou o linguarudo.

Mas a relação entre Van Halen e Kiss vem de longe. Eddie é o autordo solo de "Christine Sixteen", do disco *Love Gun*, de 77.

Agora o Kiss, depois que retomou as máscaras e a formação original com o baterista Peter Criss e o guitarrista Ace Frehley, volta a grande fase e será uma das atrações do Monsters Of Rock inglês, dia 17 de agosto em Donnington. O revival não pára. Vai render uma edição especial da revista *Spin* (serão quatro capas, uma com cada integrante do grupo) e Simmons promete a coletânea *You Wanted The Best, You Got The Best*, com faixas de *Alive I e II* e quatro inéditas.

Nos anos 80, a formação do Kiss poderia ser a seguinte: Gene Simmons (baixo), Paul Stanley (guitarra), Eric Carr (bateria) e..... Eddie Van Halen! Pelo menos foi o que Simmons disse na revista americana *Musician*.

Miki, de cabelos de fogo: "o público queria que eu botasse os peitos pra fora"

Você conhece o LOXA?

Na lingüerra, o pessoal conhece bem o Lush. O grupo formado em 88 por Mik Berens e Emma Anderson era sinônimo de chuvinhas etéreas, melodias doces e a banda mais fofa e do pop britânico de antanho. Pois bem, depois de dois anos sumido, o grupo está de volta vendendo o maior sucesso. Culpa do disco novo, *Lovelife*, um Nova York pegamos Miki em pleno ressaca. "Exageros ontem, mas tudo bem. Tenho uma boa receita para ressaca. Mas sempre fico bêbada demais pra lembrar dela."

Em turnê pelos EUA com o Cure e Smashing Pumpkins, Miki estranha o sucesso mainstream. "Ver garotos de treze anos na platéia me faz sentir meio irrelevante. Pelo menos o novo público é educado. Já tive muitos fãs de boca os peitos pra fora' antes. Os fãs pop são mais calmos

Que espécie de mutante é você?

MIX

Gente que jaz

Você sabe por onde andam Rick James, Debbie Boone, Devo e Twisted Sisters? E o que foi feito dos meninos que apareciam nas capas de *Nevermind* (Nirvana) e de *Boy* e *War* (U2)? Pois a galera da *People* sabe. A edição de junho da revista é toda dedicada a desenterrar astros de brilhos fugazes e bambas esquecidos pela mídia. A maioria não admite que está por baixo e promete "fazer sucesso em breve". Alguns – como Billie Paul e Gloria Gaynor – estão ralando à beça atrás disso; basta conferir a agenda de shows deles no Brasil. Outros tiveram um triste fim de carreira – caso de Rick James, preso na Califórnia por uso de drogas e perversão sexual. Há também aqueles com destino interessante

David Gates, cantor do Bread, virou fazendeiro; Spencer Eldon, o menino da capa de *Nevermind*, até hoje não sabe que Kurt Cobain se matou. Peter Rowen, estampado na capa de *War*, não tem nenhum disco do U2 e confessa que seu cachê foi

A People desenterrou gente legal que andava sumida

pago em chocolates. "Na época, eles não eram uma banda rica", diz. A edição também dá uma geral nos túmulos de Elvis Presley, Jim Morrison, Jimi Hendrix, Otis Redding e outros bacanas.

santa polêmica, batman

A riponga Joan Osborne: aborto, drogas e religião

Joan Osborne continua dando o que falar. Depois de provocar a ira das beatas pela letra de "One Of Us" (em que sugere que Deus poderia ser uma pessoa comum), a cantora americana revelou que fez um aborto quando tinha 23 anos. "Não foi fácil. Mas tenho certeza de que tomei a melhor decisão na época". Desde então, Osborne desfila o *look* riponga por grupos de ajuda psicológica a mulheres que abortam. A religião continua rendendo, agora por conta de "St. Teresa". E a letra? "Não é uma música sobre religião, mas sobre drogas. Foi inspirada numa mulher drogada do East Village (Nova York) que eu sempre encontrava com seu filhinho. Eu a respeito muito. Você tem de ser muito forte para sobreviver assim." Já os rumores de que seu pezinho dá estofo a um sapato 43 rendem boas risadas: "Desde que entrei em turnê com a Melissa Etheridge, todo mundo fala que sou lésbica. Tenho alguém muito especial que me visita esporadicamente. E não é do sexo feminino."

"Blur e Oasis são preguiçosos e tristes. Em vez de imitar os Beatles, deviam ouvir os sons que os cercam, como se fazia em Liverpool há 30 anos"

Björk

Sebastian Barbie e seu rock-libélula estão garantidos no Monsters Of Rock 96

Skid cool é Row

Agora está explicado por que o metal está deixando de agonizar em praça pública. "A música pesada está saindo do *mainstream*, deixando de ser tão comercial." O argumento é de Dave "Snake" Sabo, do Skid Row, prestes a ser desembarcado no Brasil para o Monsters Of Rock. O cara insiste, via Embratel, direto de New Jersey: "Isso já aconteceu uma vez. O metal era bem underground antes da explosão dos anos 80." Perguntar não ofende: é underground porque é ruim ou é ruim por que é *underground*?

Enquanto pensa no dilema, Sabo avisa que o próximo disco da banda está a caminho. "Estamos fazendo muitas *jams*, com certas coisas pesadas e outras mais viajantes." E essa história de carregar uma cobra no nome? "O apelido foi um amigo que me deu. É de uma música do Frank Zappa chamada 'Baby Snakes'", conta. Falando nisso, você sabia que o Sebastian Bach também tem apelido por aqui? "Não. E qual é?" Sebastian Barbie! (Gargalhadas). "Isso é muito engraçado", diz, enquanto o hard rock segue a trilha do metal e chafurda, sem graça. (André Maleronka)

analistas graças a Deus

A terapia mudou a música de Bob Mould

Avesso a entrevistas desde que uma publicação americana deu mais importância do que devia à sua vida (homos)sexual, o guitarrista Bob Mould quebrou um silêncio de dois anos e falou ao semanário inglês *New Musical Express*. Na entrevista, Mould revela que passou por uma depre fortíssima e que esse teria sido o motivo para o fim de sua banda Sugar. "O Sugar foi uma das melhores coisas da minha vida. Algo completamente acidental que deu certo, mas cujas relações pessoais foram se azedando", desabafa o guitarrista. "Eu estava no fim da linha. Tenho uma vida vazia, cheia de coisas mal resolvidas com a minha família, com meus relacionamentos amorosos...", se abre.

Mould acabou no analista. O primeiro resultado de suas sessões de terapia chama-se *Bob Mould*. É o terceiro álbum-solo do cantor – os outros dois ele gravou assim que saiu do Hüsker Dü. É um disco acústico, com músicas pouco otimistas como "The Next Time You Leave" (Quando Você Partir). Atualmente, Bob Mould abre os shows de Pete Townshend, ex-The Who. E joga uma pá de cal para quem espera rever o punk dos tempos de Hüsker Dü e Sugar. "Está na hora de virar adulto. Tenho de deixar para trás as coisas por que passei com esses dois grupos".

"A música americana só tem duas vertentes: o gospel, que é a música de Deus, e o rock, a música do diabo."
Nelson Motta, produtor, na revista *Exame Vip*

filhinho da mamãe futurista

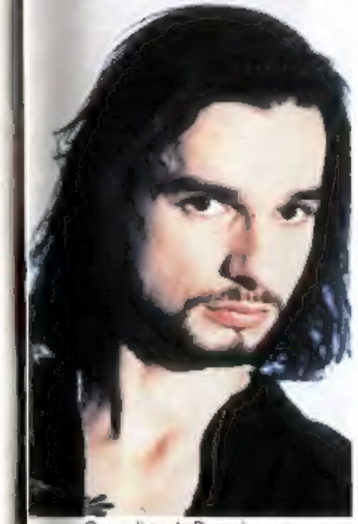
Numa olhada rápida, até assusta. Mas por trás das unhas azuis, das roupas futuristas e das lentes de contato de filme de zumbi, esconde-se um verdadeiro lord. Jas Mann, vulgo Babylon Zoo, é – ao lado dos irmãos Gallagher (Oasis) e do salvador Jarvis Cocker (Pulp) – um dos nomes mais festejados hoje na Inglaterra. Em seu meteórico álbum de estréia, *The Boy With The X-Rays Eyes*, Babylon canta, compõe, produz, vira cambalhota...

Com uma capacidade mental rara no pop inglês dos exaltadores da cola de sapateiro, Jas, 24 anos, carrega na bagagem as melhores referências: "Não dá para citar bandas. Minhas influências vêm da vida, dos filmes de Fritz Lang, David Lynch e Roger Corman, de quadrinhos como *X-Men*, de ficção científica e principalmente da Índia, onde morei quando era criança e onde você vê elefantes e tigres caminhando normalmente a poucos metros de sua casa". Jas é um apologista do futuro: "Acredito totalmente que existe vida em outros planetas. Eu não gosto de quem vive no passado. Por isso não gosto muito do *britpop* atual." Discreto como um pavão, Jas não tem chiliques ao falar de moda: "Meu jeito de me vestir é apenas uma forma de expressar o que penso, minhas influências de filmes B. E quem faz as minhas roupas é minha mãe!"

Babylon Zoo, faz pop com referências cinematográficas

Hare krishna da garrafa

Os caras da banda punk hare krishna Shelter não bebem, não fumam, não transam e ainda vão desenvolver uma técnica para não precisar respirar. Enquanto isso, eles tocam. Até no Brasil. De volta, levaram o bucho cheio de frutas e... água do mar! O líder da banda, Ray Cappo, empolgou-se com as praias cariocas, resolveu encarar uma onda e saiu do mar nos braços de um salva-vidas. Passado o susto, os caras se dedicaram a uma atividade menos perigosa: comer. O guitarrista Porcell estabeleceu o novo recorde olímpico vegetariano: traçou três papaias em dez minutos ("Sabe quanto custa um desses em NY? 4 dólares!"). Preocupado com o futuro das núculas, o natureba também gosta de abobrinhas: "Achava que este era um país de Terceiro Mundo onde não íamos achar restaurante vegetariano". Após desviar das flechadas na rua, ele se revelou um taradão em açaí e encheu a cara de caninha da boa – na versão garapa, claro. (André Maleronka)



O vocalista do Depeche quer morrer

overdave

A coisa continua feia para Dave Gahan, vocalista do Depeche Mode. Depois de uma tentativa de suicídio em setembro do ano passado – quando foi salvo pela mulher –, o cantor sofreu uma overdose de *speedball* (coquetel explosivo de heroína e cocaína) em maio, quando estava de passagem por Los Angeles. A polícia o encontrou inconsciente no banheiro do quarto do hotel. O cantor escapou por pouco da morte, mas quase não se livra da cana. Teve de pagar 10 mil dólares de fiança. A *speedball* também foi responsável pela morte do comediante John Belushi em 82, numa festa em LA – na mesma rua do hotel onde Gahan estava.

Ray Cappo (à direita) e Porcell, do Shelter, alopram nas papaias

que bandão, heim!

Rarabichuebas: explodindo a Margarete

Rock é poesia: "Margarete, me paga um chiclete/ Margarete, me paga um boquete." Com esses versos sublimes e um barulho de primeira, a banda brasiliense Rarabichuebas abocanhou o prêmio de melhor banda na primeira edição do Skol Rock, em Brasília. Formada há um ano, a banda liderada pelo locutor de rádio Lelo Nirvana contou com a performance endiabrada de sua "Margarete" particular, uma louraça vestindo lingerie que oferecia beijinhos e rebolados aos 5 mil presentes. A *banda* da Margarete foi um sucesso. "Ela é amiga nossa. Foi a única que aceitou participar, com a condição de que seu nome não fosse divulgado", conta Lelo. Mas o rumando Canisso entrega: "Essa mina é conhecida 'modelo e atriz' da galera de Brasília..." Ah Margarete, 'cê me paga!

rock around the interNET

por Claudia Grechi

• Pelo menos na Internet, o Brasil vai bem, obrigado. E o U2 já tem sua page totalmente nacional e em português! Feita por legítimos fãs de carteirinha (literalmente), a **U2 Brasil Homepage (www.conex.com.br/user/gustavo) é um delírio para os fãs brasileiros** com sua linguagem clara e de fã para fã, sem ficar devendo nada às pages gringas. Além de ser em português, um alívio para os não muito habituados com a língua universal da Net, a page traz o básico (discografia, letras, videografia e novidades) e mais alguma coisa: um guia de compras on-line (álbuns, vídeos, singles e CDs piratas), e-mail do fã-clube nacional e o endereço do Wire, um fã-clube internacional com mais de 2.500 membros ávidos por trocar informações sobre o grupo de Bono Vox.

Capture o Bono na sua tela

• **Se você procura um cantor, um baterista, um operador de som ou um professor de canto, entre outras coisas, acesse o Guia de Produção Cultural** (www.ori.com.br/Guia Cultural), o endereço certo para encontrar (e ser encontrado!) profissionais de arte e cultura. O guia inclui música, literatura, jornalismo, artes visuais, cultura regional, teatro e até vida noturna.

Prince: single na net

• Prince comemorou seu aniversário dia 8 de junho através do endereço de seu novo single, "Dinner With Delores" (http://www.wbr.com/chaosanddisorder).

democracia

Mande demos e irmãs para : Democracia - Caixa Postal 66157, CEP 05389-970, São Paulo - SP

O REGGAE FOI PRO BREJO

Assinada pela Com O Devido Stress Produções, a demo paulistana de Susu Beleza & Outros Fenômenos traz uma pérola do brejo brega: "O Sapo Que Canta Reggae", cantada por um certo Cride e por um batráquio que coaxa/arrota "reggae, reggae". Outro indivíduo que responde pela alcunha Dom Maloca interpreta, ao lado de Xandelle, o esganiçado tema dos "Muppet Babies". O anfitrião da fita, Susu Beleza, é um mestre da escrotice. "Sphiha da Lú" desce a níveis inacreditáveis: "Quando olho pra esfiha da Lú, me arrepia até os pelos do..." Grosso como o dito cujo.

Não precisa nem desberlotar: o Lord Maracanã tá prontinho

ROBERTO PRICE

cachorragga

Era uma vez um setter irlandês que virou banda. Mais exatamente um trio de reggae, e dos melhores que por aí marleyam: Lord Maracanã, formado por Jairo Cliff (baixo e vocal), Chico Menezes (guitarra e dono do cão, já falecido) e Masca Marvey (bateria). Mesmo considerando-se que, como diz Jairo, "o Masquinha nasceu em Floripa", o grupo é das coisas mais cariocas que já se ouviu passar. Afinal de contas, o catarina já tucou com Jamelão. "E a gente fala de praia, de molata, de sol", explica Jairo, apelidado Cliff por Herbert Vianna, companheiro de peladas e fã do Lord. "Quando ele ouviu 'Baluê e Maria', ficou louco". Tanto que chamou Jairo para fazer um de seus raggas invocados ("eu uso um dialeto meu") na polêmica "Luís Inácio E Os 300 Picaretas". Com composições próprias de primeira, o Lord esbanja bom gosto: é inteiramente botafoguense e, ao vivo, incorpora ao repertório as bem sacadas "Reunião de Bacana" ("Se gritar pega ladrão/ Não fica um meu irmão"), do Exportasamba, e "Quero Voltar Pra Bahia", de Paulo Diniz.

Os irmãos Netto e Joaldy e Mauro na capa da demo

laticínios de Rio Claro

Yogurtes de Penélope é um nome que exige explicação. Os integrantes do grupo dão uma, oficial, longa e confusa, que pode ser grossamente resumida: Penélope é a bonitinha egoísta, aquela que esconde os iogurtes na gaveta debaixo da geladeira. Pois bem, estes laticínios vêm de Rio Claro (SP) e estão fresquinhos, prontos para ser consumidos pelas rádios e pelas gravadoras. O som do trio (os irmãos Joaldy, voz e guitarra, e Neto Mello, baixo, mais o baterista Mauro Morandin) segue a linha pop reggae/dancehall/ Paralamas, com naipe de metais e percussão. Mas o hit certeiro "Menina Camaleão" (tocável em qualquer FM jabazeira), com órgão de churrascaria, apito e tamborim, mostra um caminho de mais personalidade. Contatos: fone (0195) 34-2184.

Cramulhão de Cordeirópolis

Quando Charles, jovem cantor de Cordeirópolis (SP), soube da existência do rock-naíba dos Raimundos, lamentou: "Genial! Por que não pensei nisso antes?" Quando ouviu o grupo, ficou decepcionado. "Eles não aproveitaram o que tem de mais legal no forró, o ritmo". Charles Corvo resolveu ir fundo na mistura forrock: fundou a Oficina do Diabo (do velho ditado "cabeça vazia, oficina do diabo") junto com o amigo Lusfer (Luís Fernando) e gravou uma demo em quatro canais. O resultado, sensacional, lembra Raul Seixas e merece virar disco correndo. O Brasil precisa conhecer "A Quinta dos Infernos de Beethoven", "Não Sei Enrolar" (que mistura dúvidas metafísicas e falta de habilidade manual), "A Revolução dos Bichos" (elo perdido entre o livro de George Orwell e "Mundo Animal", dos Mamonas), a genial versão xote de "My Girl" e "Eu Quero Viver Chapado". Beck + forró + becks = Oficina do Diabo, Caixa Postal 40, Cordeirópolis (SP), CEP 13490-000.

O DISCO QUE VAI VIRAR SUA CABEÇA.
CD/K7
É PolyGram
A Gravadora Nº1 do Brasil.
SOUNDGARDEN
DOWN ON THE UPSIDE

"Um bom disco começa pelo repertório e pela inteligência de seu intérprete. Fa-Tal mostra isso. Gal cercou-se de músicos maravilhosos e fez um álbum que não pode faltar na discoteca de ninguém."
(Chico César, cantor)

FA-TAL
Gal Costa

Em 1971, quando rolou o show *Vapor Barato*, transformado num disco duplo gravado ao vivo no Teatro Tereza Rachel, no Rio, Gal Costa, mais que musa, era a estrela sobrevivente da saga tropicalista. Sob as botas do governo Médici (1969-1974), com os mentores do movimento, Caetano e Gil no exílio, a juventude antenada da época vivia entre a guerrilha e os vapores baratos que subiam dos charos acesos pela oposição lisérgica ao governo imantada por Gal, boa parte desta fatia viajante da galera se reunia (no Rio) num trecho da praia de Ipanema repleto de dunas, onde seria construído um emissário submarino de esgoto. Eram as "dunas do barato", ou como se dizia no *baianês* da época, "as dunas de Gal".

Gal rodava a baiana de maior cantora da MPB, indo dos cochichos de João Gilberto aos urros de Janis Joplin

Neste disco/show, além de segurar a barra tropicalista, Gal já rodava a baiana de maior cantora da MPB. Só ela vai dos cochichos de João Gilberto aos urros de Janis Joplin sem trair a Dalva de Oliveira que mora no sentimentalismo deste país de três raças tristes. *Vapor Barato*, também conhecido por *Gal Fatal*, é obra-prima. O repertório linka *folk* ("Fruta Gogóia", "Bota A Mão Naś Cadeiras"), emepebê antepassada ("Assum Preto", "Falsa Baiana") e o sotaque rock da época ("Hotel Das Estrelas", "Como 2 E 2", "Dê Um Rolê"), tudo dentro da atitude marginal que cutucava o sistemão com um jogo de da(r)dos poéticos.

Quase todas as faixas escolhidas têm dupla leitura. Desde o velho samba "Antonico", do genial Ismael Silva, um pedido de auxílio que vinha a calhar naquelas trevas, até os retratos a ferro e fogo da época, escritos por Macalé e Waly Salomão. Além da novobaiana "Dê Um Rolê" ("Enquanto eles se batem/Dê um rolê"), explodem os versos opressos de "Mal Secreto" ("Massacro meu medo/Mascaro minha dor"), "Hotel Das Estrelas" ("Sob um pátio abandonado/Mortos embaixo da escada"), "Luz Do Sol" ("Quero ver de novo/A luz do sol") e a faixa-título, "Vapor Barato" ("Eu tou indo embora/Talvez um dia eu volte, quem sabe?"). Reciclada para o sucesso pelo filmaço *Terra Estrangeira*, de Walter Salles Jr., que fotografa grão a grão o exílio desértico da era Collor, esta música atesta que o país se repete como uma farsa constantemente reescrita.

Gal inicia o disco pianinho, acompanhando-se ao violão até que sua voz de colocação *joãogilberriana* (confiram "Falsa Baiana", "Coração Vagabundo"), explode junto com guitarras e microfonias. De "Pérola Negra" às canções do exílio enviadas de Londres por Caetano "Maria Bethânia" e "Como 2 E 2", Gal comenta o mito de cantora perfeita. Tem a técnica (por vezes incorpórea) de Elis Regina e a comoção (nem sempre lapidada) de Maria Bethânia. É a rainha do *cool drama*. Sua voz queima como gelo e corta feito diamante. A emissão límpida convive com a sujeira da rouquidão provocada, o grito preso na garganta e a confidência invasora. O tropicalismo gerou uma cantora fatal. Ou melhor, fa-tal. *Tarik de Souza*

Performance

Lançamento: 71
Produção: Roberto Menescal
Direção do show: Waly Salomão
Arranjos: Lanny Gordin
Faixas: "Fruta Gogóia" • "Charles, Anjo 45" • "Como 2 E 2" • "Coração Vagabundo" • "Falsa Baiana" • "Antonico" • "Sua Estupidez" • "Fruta Gogóia" • "Vapor Barato" • "Dê Um Rolê" • "Pérola Negra" • "Mal Secreto" • "Como 2 E 2" • "Hotel Das Estrelas" • "Assum Preto" • "Bota A Mão Nas Cadeiras" • "Maria Bethânia" • "Não Se Esqueça De Mim" • "Luz Do Sol" (ordem do CD da série *Colecionador*).
Gravado ao vivo no Teatro Tereza Rachel (Rio de Janeiro) com Lanny Gordin e Pepeu (guitarras), Novelli (baixo), Jorginho (bateria) e Baixinho (bateria), este álbum duplo foi relançado num LP simples condensado, em 82, e saiu em CD na série *Colecionador*, em 93, com a ordem das faixas alteradas em relação à edição original. Com o sucesso da faixa-título, incluída na trilha do filme *Terra Estrangeira*, a PolyGram resolveu reeditar *Vapor Barato* este ano dentro da série *Disco de Ouro*.

YANKEE STREET

Sua hora, seu estilo.

MAGNUM
Indústria da Amazônia Ltda